

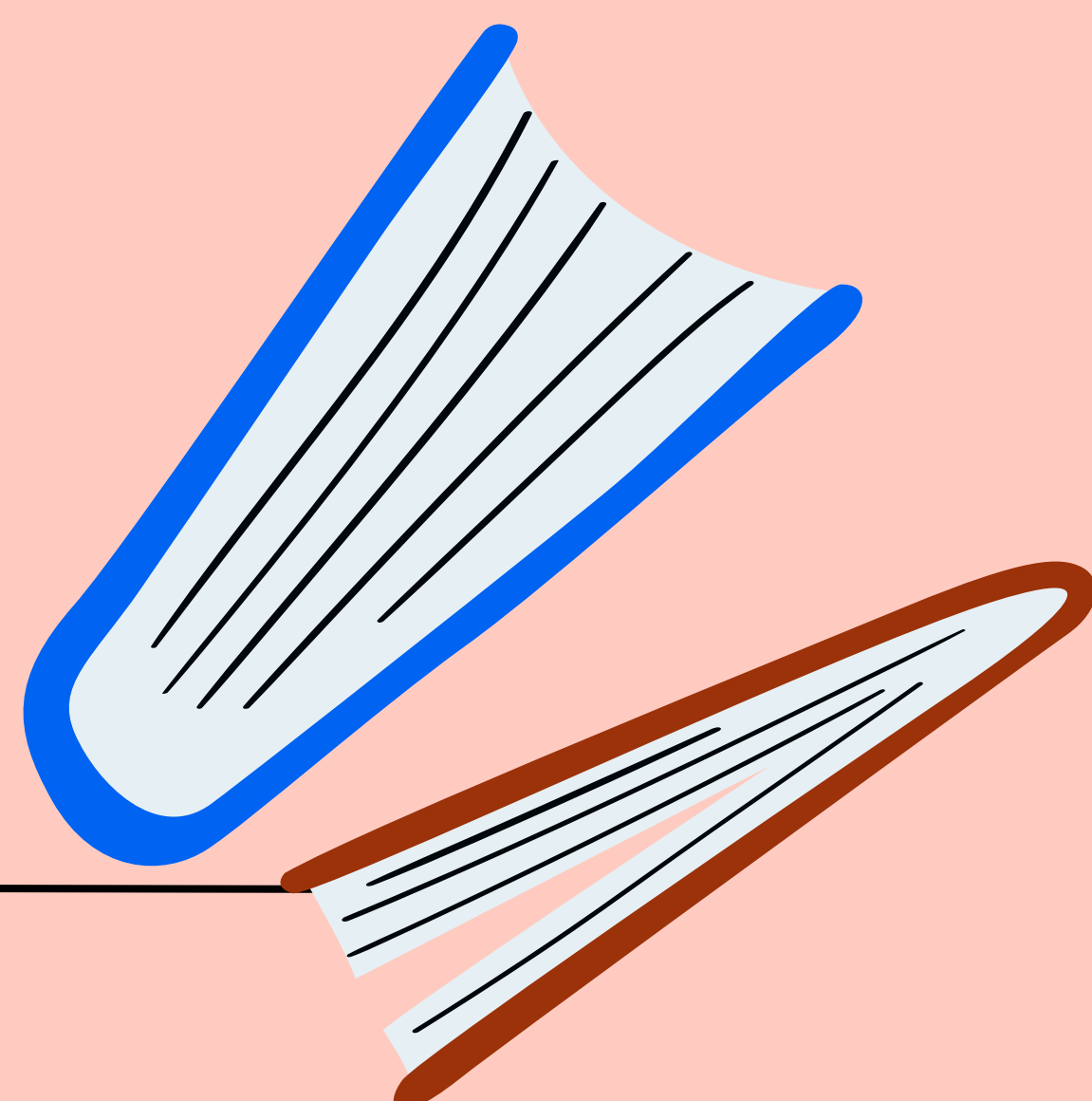
Bruna Mourão Duarte
Flávia Vieira da Silva do Amparo

MPPPEB 2025



PALAVRAS QUE FLUEM:

**PRÁTICAS DE FRUIÇÃO DA
LEITURA NO ENSINO MÉDIO**



RIO DE JANEIRO, 2025

**PALAVRAS QUE FLUEM: PRÁTICAS DE
FRUIÇÃO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO**

Bruna Mourão Duarte
Flávia Vieira da Silva do Amparo

PALAVRAS QUE FLUEM: PRÁTICAS DE
FRUIÇÃO DA LEITURA NO ENSINO MÉDIO

1ª Edição



RIO DE JANEIRO, 2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

<p>.D812 Duarte, Bruna Mourão de Palavras que fluem : práticas de fruição da leitura no ensino médio / Bruna Mourão Duarte, Flávia Vieira da Silva do Amparo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2025.</p> <p>91, [2] p.</p> <p>Bibliografia: p. [92-93].</p> <p>ISBN: 978-65-5930-203-1.</p> <p>1. Literatura (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Interesses na leitura. 3. Formação do leitor. 4. Letramento literário. I. Amparo, Flávia Vieira da Silva do. II. Colégio Pedro II. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 807</p>
--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Resumo

Este Produto Educacional consiste em um portfólio literário desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional de Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Composto por quatro oficinas literárias aplicadas a turmas do 2º ano do Ensino Médio, o material busca fomentar experiências de leitura mais sensíveis, dialógicas e significativas, priorizando a fruição textual como meio de construção da subjetividade e da escuta entre alunos e professor. Nele, estão contidas as experiências da pesquisa aplicada na turma, apresentando fotos, relatos e observações de cada momento vivido. A proposta se ancora em um referencial teórico contemporâneo, com base em autores como Antônio Candido, Michèle Petit e Cecília Bajour e apresenta registros práticos das atividades realizadas, além de sugestões que podem ser adaptadas por outros docentes. Trata-se de uma contribuição metodológica voltada à valorização da literatura como experiência estética e formativa no contexto escolar.

Palavras-chave: oficinas literárias leitura, fruição, Ensino Médio, Literatura



BEM-VINDO AO PORTFÓLIO LITERÁRIO

Olá, professor(a)!

Este material é um Produto Educacional desenvolvido como parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional de Práticas de Educação Básica (MPPEB) do Colégio Pedro II, campus São Cristóvão.

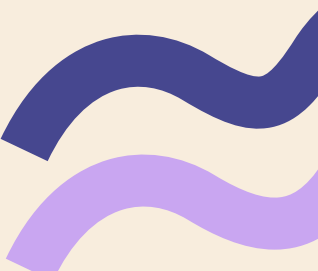

Trata-se de um Portfólio Literário que foi elaborado a partir de atividades realizadas em sala de aula, com turmas de 2º ano do Ensino Médio. Aqui, buscamos refletir sobre práticas que podem ser realizadas dentro das escolas de modo a prestigiar um **fruir** da leitura que seja capaz de **fluir** novos significados e desejos em nossos alunos.



Sumário



E SE A LITERATURA VOLTASSE A ENCANTAR NOSSOS ESTUDANTES?.....	8
SOBRE O PORTFÓLIO.....	9
POR QUE UM PORTFÓLIO LITERÁRIO?.....	11
USO DO MATERIAL.....	12
ORGANIZAÇÃO DAS OFICINAS.....	15
METODOLOGIA.....	19
RESUMINDO A METODOLOGIA.....	27
OFICINAS LITERÁRIAS.....	28
OFICINA 1 - POESIAMENTE.....	28
DESCRIÇÃO DA OFICINA.....	32
DEBATE SOBRE O CÂNONE.....	38
OFICINA 2 - MASTIGAR O INSTANTE.....	48
DESCRIÇÃO DA OFICINA.....	52
OFICINA 3 - O PESO DO MEDO.....	60
DESCRIÇÃO DA OFICINA.....	64
OFICINA 4 - AQUILO QUE PERMENECE.....	70
DESCRIÇÃO DA OFICINA.....	74
OUTRAS SUGESTÕES.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

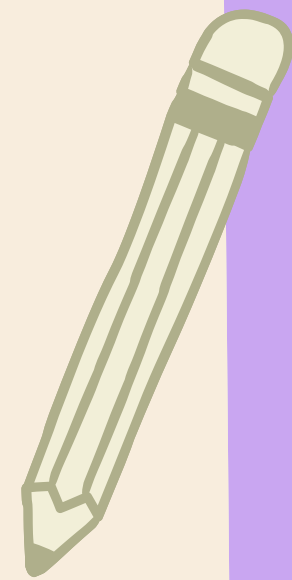




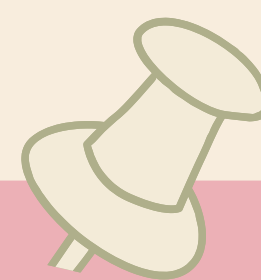
E se a Literatura voltasse a encantar nossos estudantes?



Enquanto docentes da disciplina de Literatura, sabemos o quão desafiador pode ser conquistar a atenção de jovens nativos digitais para o universo da leitura. Pensando nisso, este material foi elaborado para amenizar os impasses pedagógicos de educadores que não se contentam com a mera decodificação de livros dentro da escola, mas sim o aprofundamento e a fruição dessas leituras realizadas por nossos alunos.



Esperamos que este portfólio com práticas e sugestões literárias para Ensino Médio auxilie processos mais fruitivos em suas aulas de Literatura. Assim, poderemos mudar a perspectiva de nossos estudantes tendo o livro como protagonista de nossas narrativas escolares.



**ESSE É UM CONVITE PARA AQUELES
QUE AINDA ACREDITAM NO PODER
DA LITERATURA.**



Sobre o portfólio...

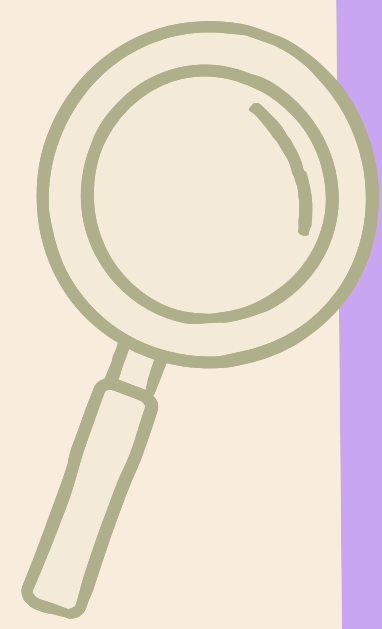
O material desenvolvido, em seu formato de livro, contém ilustrações, instruções de uso e a descrição detalhada de quatro oficinas realizadas com alunos do 2º ano do Ensino Médio durante a pesquisa. Além disso, conta com outras sugestões práticas relacionadas ao ensino de literatura para os que decidirem continuar estimulando a leitura em sala de aula.

Baseado nas concepções de Candido (1988) e Michèle Petit (2009), Annie Rouxel, Gérard Langlade e Neide Luzia de Rezende (2013), este Produto objetiva não só cativar e desenvolver uma competência leitora nos estudantes, como também apresentar uma espécie de guia para discussões e reflexões que cada docente poderá avaliar e adaptar para atender as demandas de sua própria turma.





**ESTE PORTFÓLIO FOI FEITO
PARA VOCÊ, PROFESSOR(A)...**



**Esperamos, portanto, que as
práticas aqui contidas te
estimulem a desenvolver leitores
engajados, capazes de enxergar os
textos para além das páginas
impressas nos livros...**

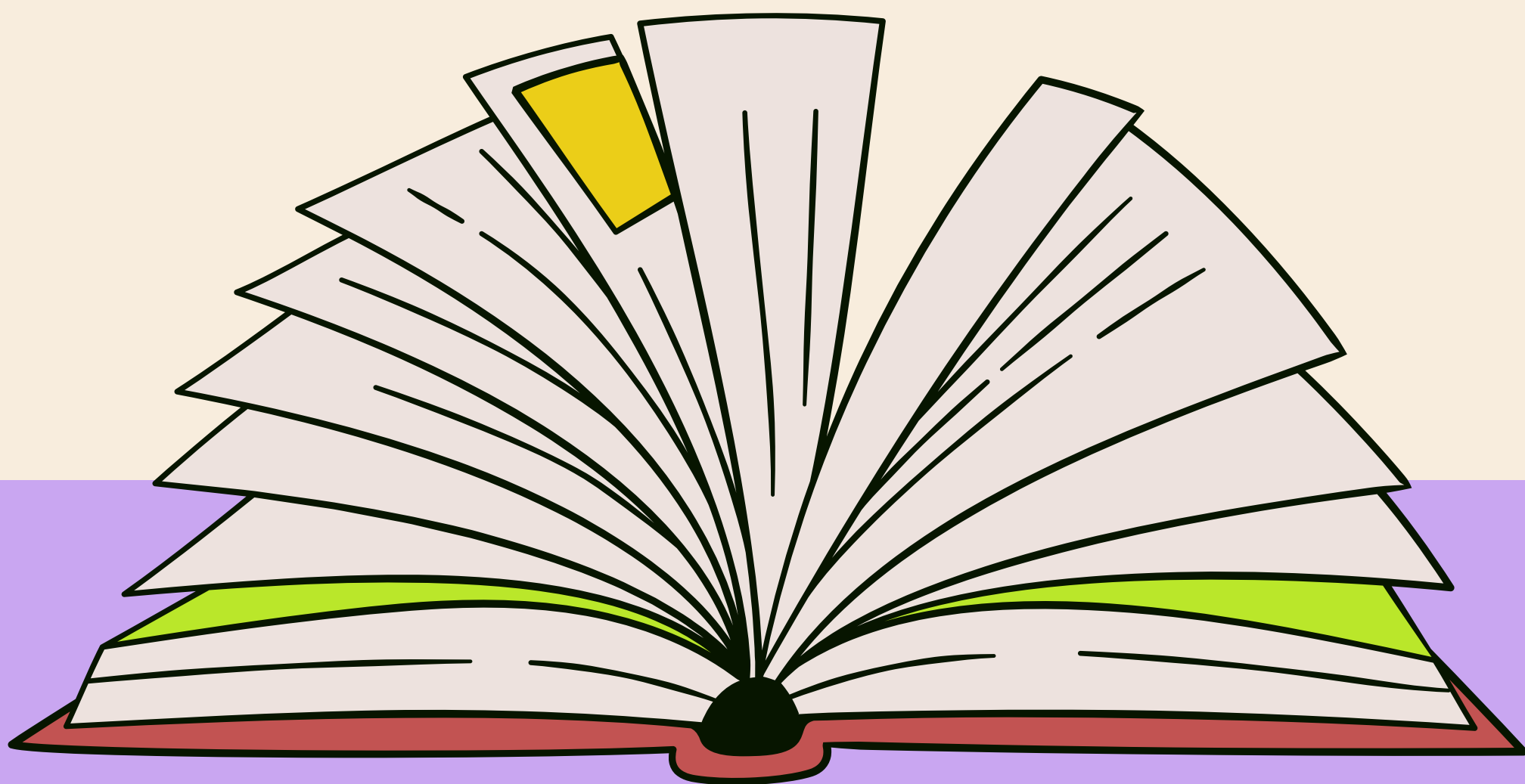
**Vamos juntos(as) viver esta
experiência fruitiva?**

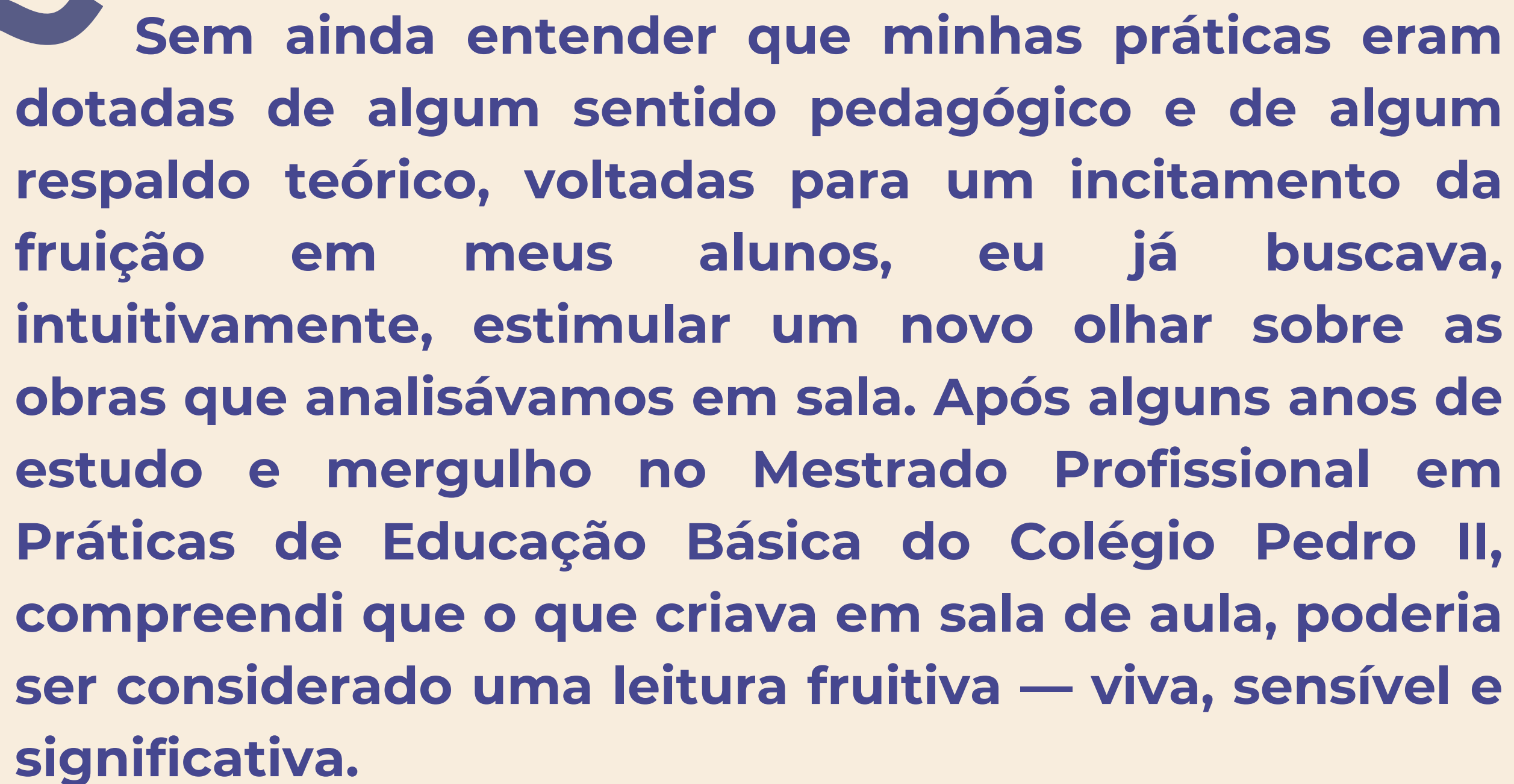


Por que um Portfólio Literário?

A criação deste portfólio justifica-se pela urgência de repensar as práticas de estímulo à leitura realizadas dentro da sala de aula em turmas de Ensino Médio, uma vez que esse processo está lentamente perdendo seu protagonismo na vida de nossos estudantes mergulhados no mundo virtual. Com o intuito de promover reflexões sobre a formação leitora dos jovens, buscamos apresentar uma metodologia sobre as possibilidades de se trabalhar com literatura em sala de aula, bem como promover leituras de obras da literatura brasileira.

Embora sempre tenha sido uma pessoa apaixonada pela literatura, ao iniciar minha trajetória no magistério, senti enorme dificuldade em também cativar essa estima os meus estudantes. Assim, busquei alternativas que pudessem aproximá-los, ainda que timidamente, do universo da leitura. Mesmo sabendo que não mudaria por completo seus hábitos leitores, mas, a cada etapa, percebia como as construções coletivas de sentidos para aquilo que líamos era importante para a manifestação da identidade de cada um.

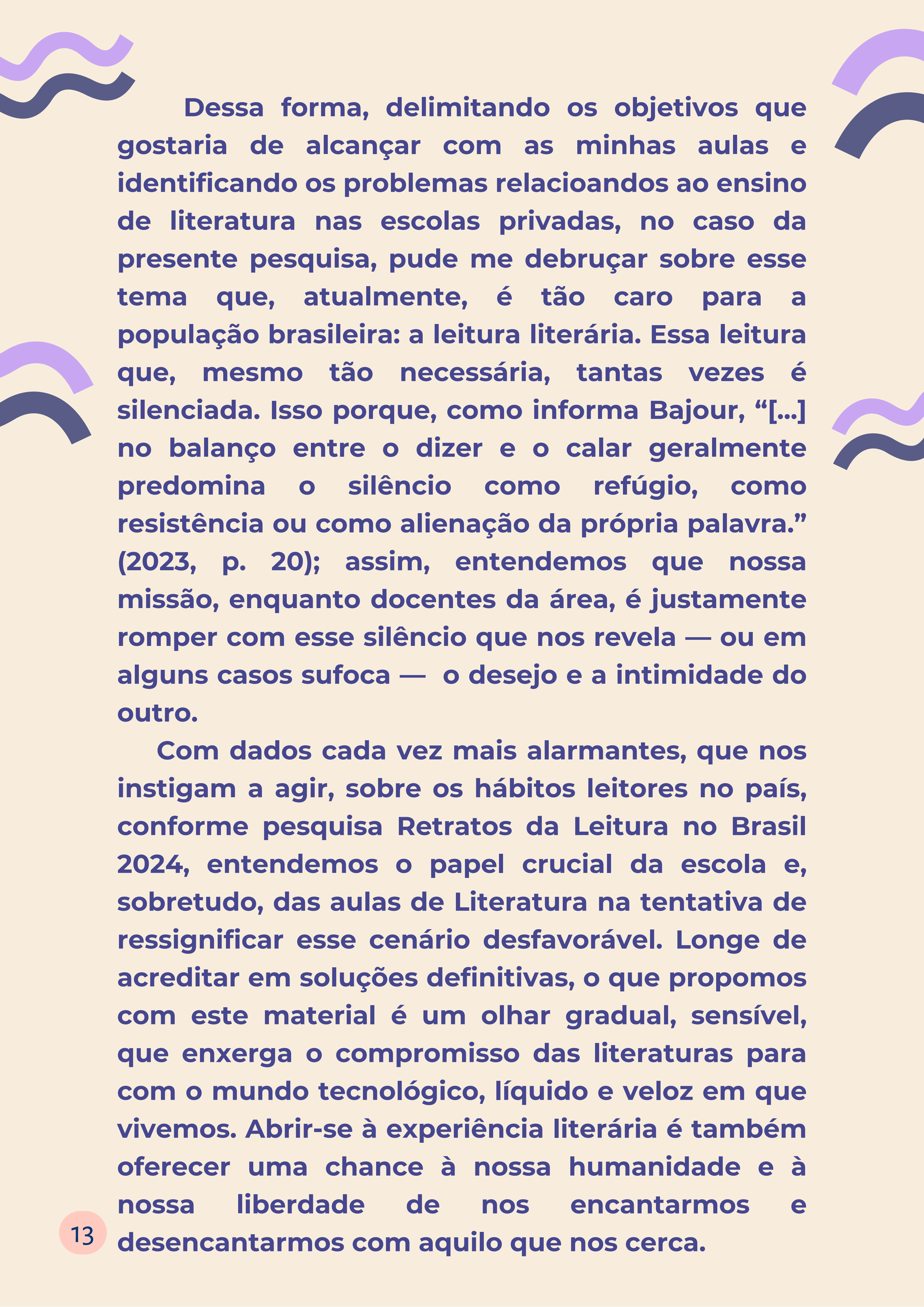




Sem ainda entender que minhas práticas eram dotadas de algum sentido pedagógico e de algum respaldo teórico, voltadas para um incitamento da fruição em meus alunos, eu já buscava, intuitivamente, estimular um novo olhar sobre as obras que analisávamos em sala. Após alguns anos de estudo e mergulho no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II, compreendi que o que criava em sala de aula, poderia ser considerado uma leitura frutiva — viva, sensível e significativa.

Em conjunto, eu e meus alunos criávamos um ambiente propício para a vivência da literatura em forma de palavras. Cada linha representava um desbravamento por territórios delicados e afetivos em que jamais sabíamos ao certo o que iríamos encontrar. Assim, tempos depois, encontrei nas palavras de Rezende (2013) aquilo que sempre desejei transpor para minhas aulas e para minha rotina dentro da escola:

Permitir a flutuação das impressões singulares das crianças e dos jovens durante a leitura tem sido - e sempre foi - considerado procedimento incompatível com a escola, inócuo e até mesmo prejudicial ao ensino da literatura, uma vez que remeteria a uma subjetividade sem ancoragem no texto uma "viagem" do leitor aprendiz. As representações desse tipo de leitura que circulam na sociedade e em especial no meio educacional - professores (tanto do nível básico quanto da universidade), gestores, alunos e pais - trazem marcas de uma visão "psicológica" da leitura, malvista e mal-famada, que não cumpriria a função formativa, objetiva e universal, própria da escola. Entretanto, trata-se de um terreno acidentado, repleto de paradoxos, uma vez que ninguém em sã consciência pode negar o caráter singular e individual - subjetivo, portanto - da leitura, em especial da leitura literária. (Rezende, 2013, p. 8)



Dessa forma, delimitando os objetivos que gostaria de alcançar com as minhas aulas e identificando os problemas relacionados ao ensino de literatura nas escolas privadas, no caso da presente pesquisa, pude me debruçar sobre esse tema que, atualmente, é tão caro para a população brasileira: a leitura literária. Essa leitura que, mesmo tão necessária, tantas vezes é silenciada. Isso porque, como informa Bajour, “[...] no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o silêncio como refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra.” (2023, p. 20); assim, entendemos que nossa missão, enquanto docentes da área, é justamente romper com esse silêncio que nos revela — ou em alguns casos sufoca — o desejo e a intimidade do outro.

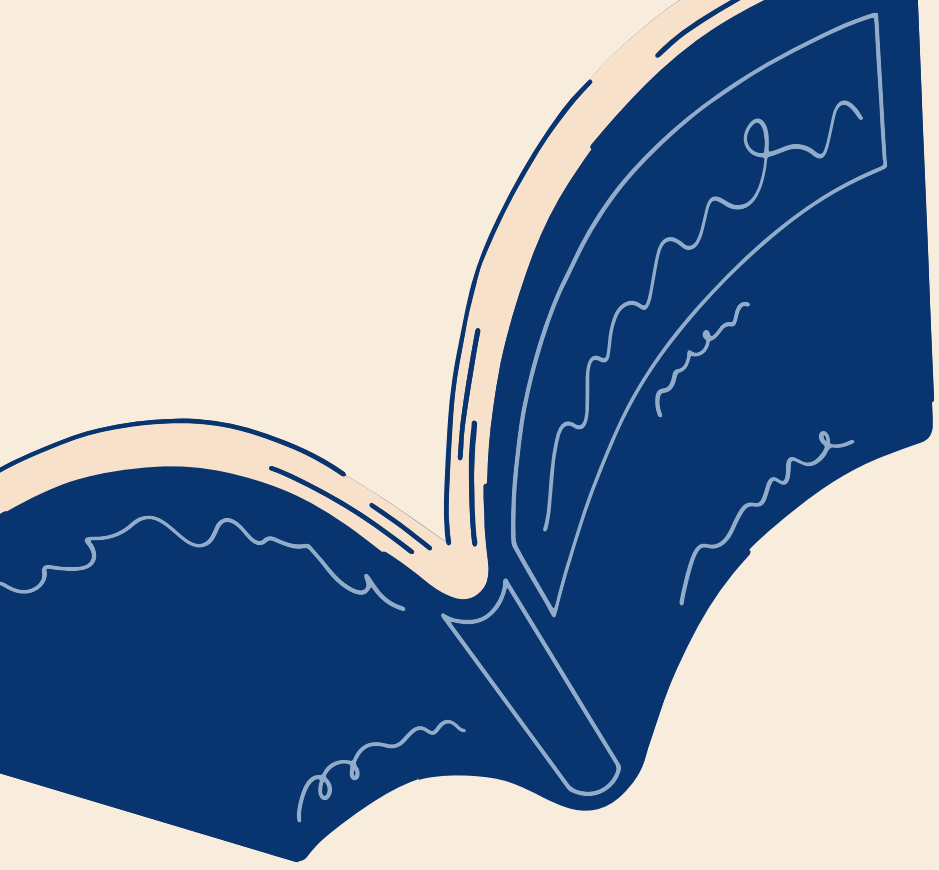
Com dados cada vez mais alarmantes, que nos instigam a agir, sobre os hábitos leitores no país, conforme pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2024, entendemos o papel crucial da escola e, sobretudo, das aulas de Literatura na tentativa de ressignificar esse cenário desfavorável. Longe de acreditar em soluções definitivas, o que propomos com este material é um olhar gradual, sensível, que enxerga o compromisso das literaturas para com o mundo tecnológico, líquido e veloz em que vivemos. Abrir-se à experiência literária é também oferecer uma chance à nossa humanidade e à nossa liberdade de nos encantarmos e desencantarmos com aquilo que nos cerca.

Uso DO MATERIAL

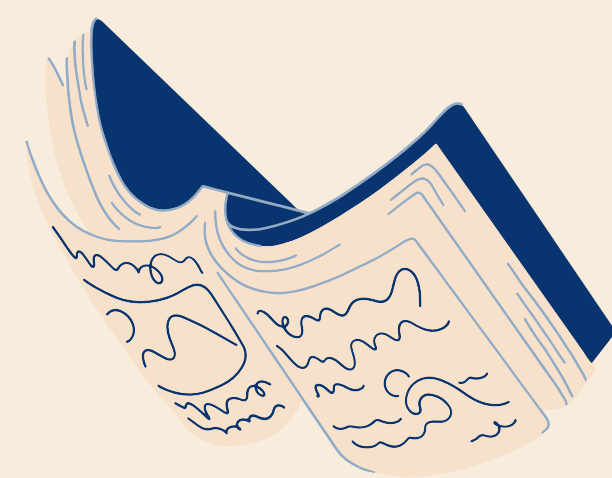
Este portfólio nasce, portanto, como um gesto de partilha — como um instrumento de apoio para professores(as) que se utilizam, direta ou indiretamente, da prática de leitura em suas aulas. Por se tratar apenas de um material de apoio, prezamos sempre por reforçar: não há aqui fórmulas prontas, muito menos diretrizes rígidas no tocante às atividades. Do contrário, assim como a arte nos convida a uma profunda flexibilidade nas lentes com as quais enxergamos e interpretamos o mundo, também estamos desejosas de que este material possa abrir múltiplos caminhos. Que ele possa ser reinventado como decidirem, seja adaptando para suas turmas, seja se inspirando através de manifestações pedagógicas diárias que sabemos não ser fácil.

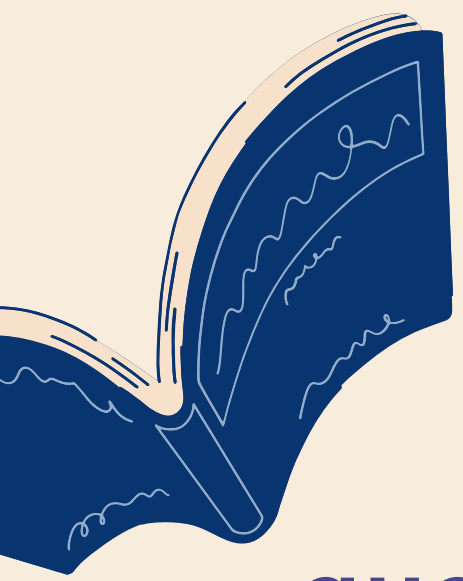
BOA LEITURA!





Organização das Oficinas





Como forma de concentrar toda produção que havíamos desenvolvido e aprimorado durante a aplicação da pesquisa, buscamos dividir as seções desse Portfólio de modo que apresente as quatro Oficinas Literárias criadas para os alunos do Ensino Médio. A divisão proposta busca dar visibilidade ao processo: da criação das atividades à recepção dos alunos, visando, dessa forma, a organizar todos os registros fotográficos feitos e impressões suscitadas ao longo desse percurso de escuta, leitura e troca.

Conforme propõe Bajour, ao falar da importância da escuta durante o processo de leitura compartilhada e todas as entrelinhas ali presentes, tudo deve ser considerado ao realizar esse tipo de atividade, pois assim é:

[...] onde a leitura se toca com a palavra silenciada, não proferida mas dita com os olhos, com gestos, com o corpo, com outros múltiplos signos que criamos para estender pontes do texto ao leitor, do leitor ao texto, de leitor a leitor (Bajour, 2023, p. 17)

Assim, foi aprendendo a ouvir o outro que conseguimos construir pontes mais sólidas com nossos alunos, aqueles que, antes, pareciam tão acuados, tão temerosos diante da leitura. Passamos a enxergá-los como leitores em formação, que ainda buscavam seu espaço e sua personalidade em sua breve existência. Possivelmente, o que eles mais precisavam era de alguém que lhes apresentasse as possibilidades do texto literário.

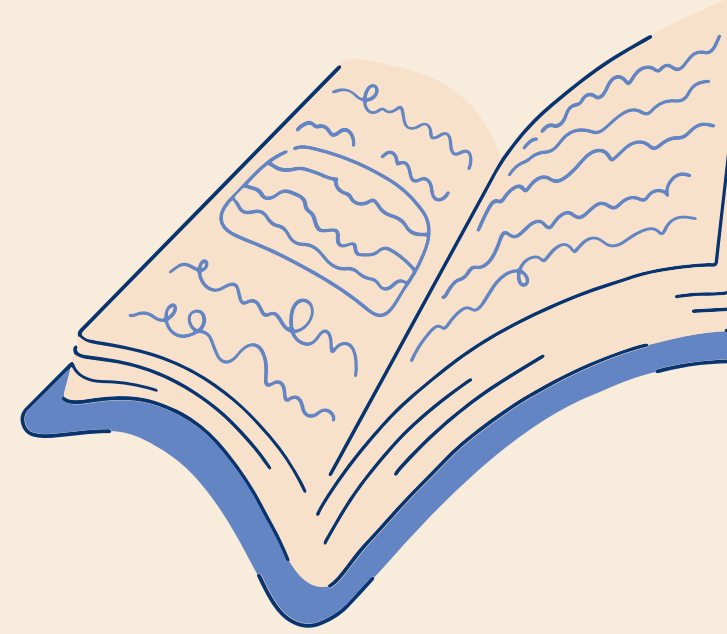
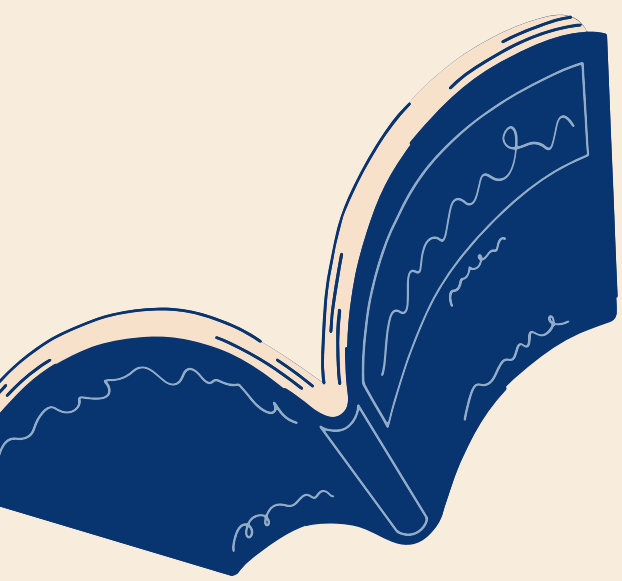


Mais do que apresentar resultados, estes próximos capítulos do Produto se apresentam como um espaço que pretende narrar uma experiência, uma caminhada feita em conjunto. Repleta de conhecimentos adquiridos por outros pensadores, outros professores e, sem retirar o protagonismo dos nossos alunos. Esse compartilhamento apenas ressaltou o quanto a literatura se fazia viva, sensível e compartilhada em cada gesto, em cada palavra (dita ou não dita) dentro e fora da escola.

Por isso, reconhecendo a relevância e a potência das atividades aqui propostas, vimos, neste momento, o ensejo de partilhá-las com docentes que acreditam em outro formato de ensino, aquele atravessado por significados e afeto.

Com esse intuito, ao longo do presente projeto, algumas oficinas literárias serão demonstradas detalhadamente a partir de seus objetivos, procedimentos e desdobramentos avaliativos. No final, reunimos, ainda, possíveis sugestões para realização de outras atividades a serem trabalhadas em turmas de Ensino Médio.





Inicialmente, abriremos a discussão com uma proposta de metodologia que pode ser seguida antes da execução da oficina em si. As etapas discriminadas foram as mesmas realizadas por nós, portanto, tivemos a oportunidade de comprovar seu valor para uma apreensão satisfatória e proveitosa das leituras feitas, além de estreitar o vínculo professor-aluno.

A seguir, abrimos mais um capítulo de nossas histórias escritas por muitas mãos atentas e olhares sensíveis. Esperamos que você possa adentrar essas páginas com liberdade, deixando-se tocar pelas palavras, pelas escutas e descobertas que, aos poucos, saltam das linhas e ganham vida na narrativa de cada dia letivo.



METODOLOGIA

ATENÇÃO: isso não é uma receita

MOMENTO 1) Realização de rodas de conversa para conhecer melhor o gosto literário da sua turma:

Iniciar o ano letivo, com turmas novas ou não, é sempre intimidador. Para nós, professores de Literatura, é sempre uma incitação ainda maior, provocando algumas reflexões: como saber por onde começar ou qual leitura recomendar para alunos que mal conhecemos?

O fato de já ter dado aula para turma, no ano anterior, não me isenta da incerteza e do distanciamento que ainda sentimos diante de uma classe tão numerosa de alunos tão diversos. Essa inquietação pode se tornar a catalisadora para uma tentativa de mudança dessa hierarquia tão tradicional na qual as salas de aula estão submetidas.

Os olhares acuados, os silêncios que nos diziam tanto e a expectativa pelo vínculo que ainda irá se construir nos requisitavam um momento de pausa. Consoante as palavras de Rezende, os jovens leitores “parecem, ao mesmo tempo, resistir a toda teorização e, quem sabe mesmo, a toda verdadeira domesticação” (2013, p. 20), isto é, agora, recebemos um alunado disposto a consumir uma nova forma de leitura, diferente daquela pautada em um currículo de conteúdos predefinidos.

Por isso, antes mesmo de restringirmos nossa vivência pedagógica ao cumprimento de um programa preestabelecido e voltarmos nossos esforços a leituras, muitas vezes, de decodificação racionalizante, optamos por vislumbrar o viés da escuta. Uma escuta que permite acolher as entrelinhas e os desejos que, por vezes, não cabem nos conteúdos oficiais.

Ao ambientarmos a sala em círculo, alterávamos, de forma simbólica e concreta, o formato tradicional das aulas já rotineiramente esperadas pelos alunos. Momentaneamente, conseguíamos romper com a hierarquia das fileiras, visto que colocávamos à disposição os olhares e ouvidos dos indivíduos presente; entendíamos que cada um teria algo para trazer e acrescentar às aulas ao longo de todo o ano que passaríamos juntos.

Portanto, acreditamos que as rodas de conversas iniciais foram o ponto crucial de todo nosso trabalho, uma vez que elas abriram portas para uma entrega verdadeira e disposta dos estudantes. Esses diálogos prévios serviram como espaço para o acolhimento dessas vozes, e, assim, começávamos a traçar caminhos possíveis para as experiências literárias que viriam a seguir.

MOMENTO 2) Pesquisa sobre os hábitos leitores e preferências dos estudantes envolvidos no projeto:

Em um segundo momento, após elucidar como seriam nossas aulas ao longo do ano e discursar brevemente sobre o funcionamento e aplicação das nossas atividades literárias, cada aluno foi convidado a responder um breve questionário.

Em nossa instituição de ensino, pela disponibilidade que temos de fazer uso de rede wifi, tivemos maior facilidade ao utilizar o Google Forms para montar as perguntas que gostaríamos de fazer e disponibilizar em forma de QR Code para os estudantes acessarem por seus celulares.

Como já haviam sido informados anteriormente, no momento da roda de conversa, sobre a missão que teriam pela frente, o contexto criado foi muito propício para que eles se sentissem à vontade de responder com sinceridade a pesquisa. Tais perguntas visavam ao conhecimento sobre o perfil da turma e os seus hábitos leitores. A partir disso, todo o projeto de pesquisa pôde começar a ser elaborado.

MOMENTO 3) Seleção e análise de livros literários adequados ao estudo:

Após análise dos dados coletados com o questionário sobre os hábitos leitores de nossos alunos, partimos, então, para escolha das obras literárias que norteariam nossas práticas.

Mediar os interesses latentes de um grupo de estudantes com a falta de procura pela leitura por parte de outros requer sempre um certo discernimento do docente. Elencar prioridades é fundamental para aquilo que pretendemos com cada atividade proposta, mas, por outro lado, não era do nosso interesse ignorar as vozes desses jovens.

É verdade que o sujeito leitor está no cerne de toda a experiência literária. Contudo, sem o intermédio da escola, dificilmente esse discente teria contato, por iniciativa própria, com esses textos. Nesse sentido, a sala de aula é a encadeadora desse processo frutivo, no qual o aluno pode ser apresentado a uma gama mais ampla de obras literárias, que abordam distintas temáticas, promovem reflexões críticas, suscitam experiências estéticas e ampliam repertórios de mundo.

Considerando todas essas ressalvas, ainda enfrentávamos uma limitação vivenciada por grande parte dos professores do Ensino Médio: a escassez de tempo. Afinal, conciliar a exigência de cumprir integralmente o conteúdo voltado para realização das avaliações obrigatórias com a intenção de promover experiências formativas mais significativas constitui-se como um impasse, muitas vezes, angustiante.

Por essa razão, em muitos momentos, a tecnologia mostrou-se uma aliada estratégica. Isso porque, no lugar de, por exemplo, distribuir os textos impressos, optávamos por projetá-los em sala, sobretudo quando se tratava de obras mais extensas. Apesar de considerarmos a experiência física com o texto extremamente relevante, sabemos que, na realidade docente, é necessário optar por algumas saídas estratégicas que viabilizem a realização do nosso trabalho em sala, ainda que elas não correspondam ao cenário que idealizamos.

Além disso, as propostas de trabalho eram disponibilizadas por meio de QR Codes ou plataformas digitais, conforme retrataremos adiante. Esse recurso facilitou o acesso dos alunos e otimizou o tempo disponível, ampliando o tempo que poderíamos destinar à leitura em sala.

Para garantir maior fluidez nas dinâmicas, os textos selecionados eram, em geral, menos extensos e criteriosamente escolhidos. Logo, optamos por gêneros textuais, como poemas, contos e crônicas.

MOMENTO 4) Oficinas literárias com as turmas:

Com os dados coletados, as escolhas das obras literárias feitas e o vínculo com os estudantes começando a se estreitar, partimos para a construção das Oficinas Literárias. Para produção de cada uma delas, nos preocupamos em trazer, conforme citado acima, textos de menor extensão, que pudessem ser lidos em um tempo de aula (50 minutos) e com temáticas mais universais, por exemplo, para que alcançássemos com maior facilidade os jovens ali presentes.

Em qualquer circunstância, sempre iremos nos deparar com turmas plurais, nas quais os gostos se misturam e se chocam. Por isso, na tentativa de firmar essa confluência, elaboramos as propostas com base nas necessidades que a leitura poderia contemplar.

Vocês verão que, ao longo deste produto, cada Oficina Literária será apresentada em um capítulo próprio, com seus respectivos detalhamentos. Não adiantaremos tudo por aqui: deixemos que cada experiência fale por si, página por página, como uma narrativa compartilhada.

MOMENTO 5) Observação e registro de campo:

Durante a realização das oficinas com a turma, como forma de acompanhar tudo o que acontecia em sala, agrupamos todos os registros, comentários espontâneos e impressões feitas por mim e pelos discentes em um diário de bordo docente.

A observação, nesse contexto, não se limitava à função de controle ou avaliação, mas sim de interpretação contínua das percepções do ambiente, das relações que iam se construindo à nossa frente e das transformações que iam se delineando a partir dos textos. Até mesmo as resistências ou pequenas descobertas, que passariam despercebidas em um planejamento mais rígido, foram as entrelinhas que nos importamos em gravar.

Esses fragmentos da realidade escolar permitiram nossa reflexão mais sensível sobre o impacto dessas oficinas e sobre o modo como cada aluno se posiciona e reage diante das obras apresentadas. Captamos, assim, os pequenos gestos, olhares demorados e hesitações proporcionadas pelo contato com o mundo literário.

MOMENTO 6) Análise do material coletado das atividades propostas em sala de aula para construção do Produto:

Por fim, esse percurso coletivo resultou, então, neste material que produzimos, o nosso Produto Educacional em forma de Portfólio Literário. Ao longo de toda a pesquisa, acrescentávamos e modificávamos algum detalhe no documento, uma vez que queríamos, justamente, prezar pela flexibilidade e espontaneidade do nosso trabalho pedagógico.

Contudo, finalizada a aplicação das oficinas, começamos, de fato, a lapidar nosso produto e avançamos, assim, para a análise de todos os dados produzidos pelos estudantes durante este processo que começou em abril e perdurou até o mês de setembro de 2024.

Novamente, expomos a relevância de não seguir o presente material como um modelo, haja vista que utilizamos todas as manifestações subjetivas e particulares geradas por nosso grupo de alunos como base nessa produção atenta do Produto Educacional.

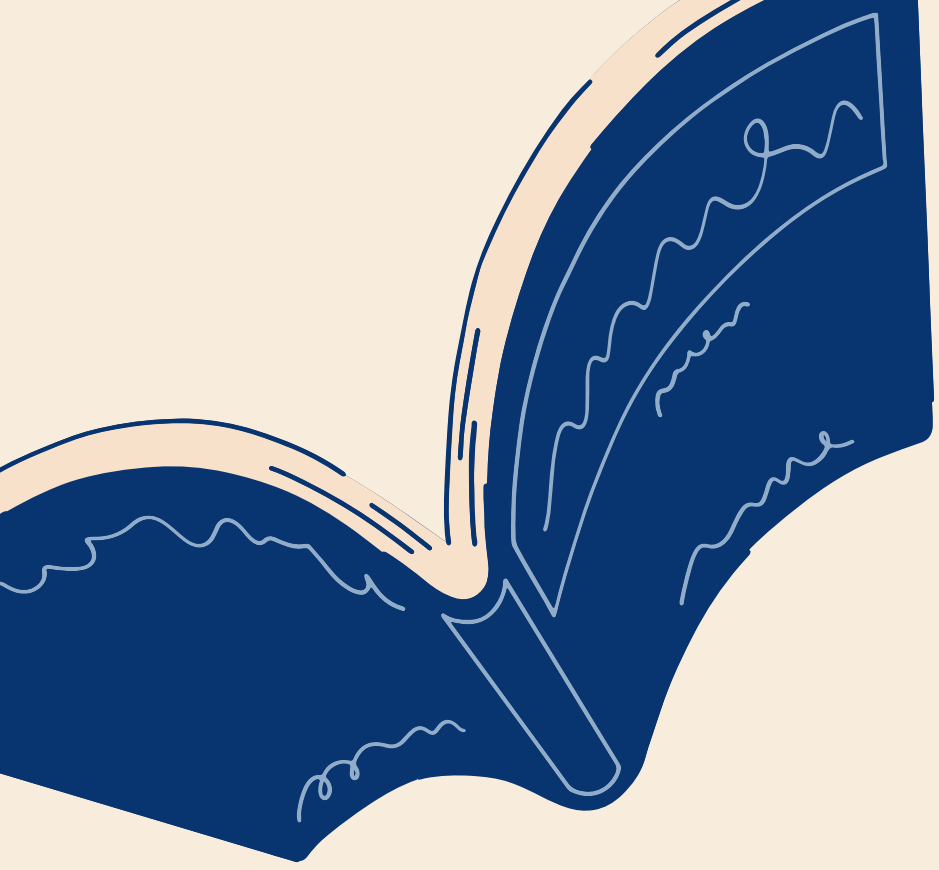
Dito isto, é chegada, então, a hora de abrir as páginas que seguem: nelas, apresentamos o resultado de nossa pesquisa delicadamente construída pelos encontros com as palavras.

RESUMINDO A METODOLOGIA

Organizada por momentos:

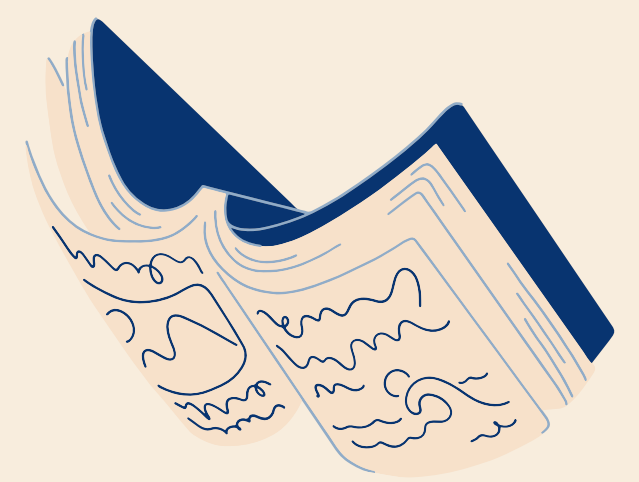
- 1) Realização de rodas de conversa para conhecer melhor o gosto literário da sua turma;
- 2) Pesquisa sobre os hábitos leitores e preferências dos estudantes envolvidos no projeto;
- 3) Seleção e análise de livros literários adequados ao estudo;
- 4) Oficinas literárias com as turmas;
- 5) Observação e registro de campo;
- 6) Análise do material coletado das atividades propostas em sala de aula para construção do Produto





O Oficina Literária

“Poesiamente”





Preparação...



DURAÇÃO

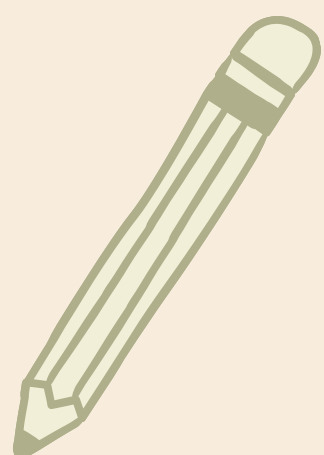
Realizada em 3 etapas, com quatro aulas de 50 minutos cada.

TEXTOS-BASE

- “Seiscentos e Sessenta e Seis”, de Mario Quintana;
- “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade;
- Poema “A torcida”, de autoria desconhecida;
- Filme Divertida Mente (2015) e trailer de Divertida Mente 2 (2024), Disney Pixar

MATERIAIS USADOS

- Cópias impressas dos poemas selecionados;
- Recursos audiovisuais para exibição do filme;
- Celulares dos alunos;
- Plataforma Padlet (ou similar) para registros escritos



Preparação...



OBJETIVOS

- Estimular uma leitura sensível e fruída por meio da poesia;
- Relacionar emoções humanas com a linguagem audiovisual;
- Desenvolver a escuta ativa e a expressão dos estudantes;
- Refletir sobre diferentes formas de sentir e dizer;
- Promover o diálogo entre literatura, cinema, subjetividade e repertório de mundo dos alunos

Acervo literário

“POESIAMENTE”

Alunos realizando a atividade proposta:



Descrição da imagem: Estudantes organizados em grupo para leitura e debate dos poemas distribuídos



Descrição da imagem: QR Code disponibilizado para acesso ao mural do aplicativo Padlet

Descrição da Oficina:

Inspiradas pelas devolutivas do questionário aplicado à turma, principalmente, pelas respostas que pediam por atividades mais conectadas à realidade dos alunos e com temáticas mais atuais, foi concebida uma oficina que entrelaça os "sentimentos do mundo" dos estudantes com a riqueza da poesia que surge, das maneiras menos esperadas, e desperta as formas mais autênticas de emoção. Esta proposta buscava transformar a percepção negativa que os estudantes constroem em seu imaginário sobre as literaturas, demonstrando, assim, que os textos também podem ser interessantes, contemporâneos, universais e criativos.

Nesse contexto, esta oficina busca não apenas explorar a subjetividade e as diferentes perspectivas sobre a leitura, mas também oferecer uma imersão sensível e fruitiva nas palavras de Carlos Drummond de Andrade e Mario Quintana, explorando o entendimento dos textos e das emoções à luz das personagens de "Divertida Mente".

Em razão dos vínculos estreitados pelas rodas de conversa iniciais, pudemos nos aproximar do universo dos jovens com os quais trabalhávamos. Ao longo das aulas, era comum ouvir comentários animados sobre a estreia da sequência do filme *Divertida Mente* que se aproximava naquele mesmo ano, prevista para o dia 20 de junho de 2024. Acolhendo, então, essa empolgação coletiva, elaboramos uma dinâmica que fisesse a atenção dos discentes, incorporando à proposta um elemento atual e significativo para a turma.

Esse ponto de partida foi a chave para pensar nos desdobramentos que viriam a seguir, e isso só nos confirmou a importância de estar disposto a ouvi-los. Ademais, nos mostrou que é possível propor o mesmo formato de dinâmica com outras obras cinematográficas, adaptando-as para cada época e faixa etária.

A atividade teve início com a exibição do filme *Divertida Mente* (2015), da Disney Pixar, na qual os alunos foram convidados a mergulhar no universo das emoções da personagem Riley. Como só podemos desfrutar de apenas 50 minutos de aula, foi preciso terminar o filme na semana seguinte. De toda forma, tal fragmentação não prejudicou o processo, na verdade, só animou ainda mais as expectativas dos estudantes para o que precisariam fazer nas aulas que se seguiriam. Antes mesmo de informar que iríamos assistir ao filme como uma proposta pedagógica, os alunos já se demonstraram extremamente entusiasmados pela ideia de ter uma aula diferente daquela unicamente expositiva.



Descrição da imagem: Estudantes assistindo ao trailer do filme *Divertida Mente 2* (2015), que ainda não havia estreado.

Em suas manifestações expressavam surpresa, “mas isso é uma aula livre? Ou você só ‘tá’ fazendo isso com a gente ‘pra’ depois enganar e passar um trabalho valendo ponto?” (Diário de bordo da pesquisadora, Parte I), demonstrando não saber diferenciar a aula tradicional de propostas mais fluidas e participativas. No início, notamos muito dessa dificuldade por parte dos estudantes: entender que nossas oficinas visavam a outros objetivos, que não aqueles meramente avaliativos e, em outros contextos, punitivos. Por isso, de princípio, era unânime entre eles o medo de errar, de me fornecer uma resposta que pareceria incorreta; estavam sempre procurando manifestar aquilo que eu gostaria de ouvir.

Na segunda aula, com a finalização do filme, para fomentar ainda mais o engajamento, os alunos também assistiram ao trailer de “Divertida Mente 2” (2024) em sala, a fim de repensarmos as emoções que surgiam na vida de todos os indivíduos conforme o avançar das idades. Aproveitei este momento para levantar o debate sobre o papel de cada emoção nas fases de nossa vida e questioná-los a respeito do surgimento de novas delas, como a ansiedade e a inveja. Perguntei, por exemplo, qual das personagens do filme mais os representava naquele momento — e quais sentimentos achavam que ainda surgiriam com o passar dos anos. Entre essas reflexões, surgiram menções aos mesmos personagens criados pelo filme na parte 2. Foi uma troca rica, em que muitos se reconheceram nas falas dos colegas e passaram a enxergar as emoções como algo legítimo da experiência humana, e, por que não, da leitura literária também.

Com as emoções, então, afloradas, partimos para a nossa terceira aula de “Poesiamente”:



Descrição das imagens: Alunos divididos em grupo, lendo, em conjunto, os poemas distribuídos de maneira aleatória na sala.

Neste momento, os alunos já estavam mais do que ansiosos para descobrir o que iríamos propor a partir de um filme tão aguardado por eles. Despontava, por minha parte, uma certa insegurança a respeito do sucesso deste trabalho, havia uma preocupação em, talvez, decepcionar os estudantes com textos que não os encantassem ou os deixassem conectados com a proposta. Contudo, o que aconteceu foi justamente o oposto do que minhas desconfianças antecipavam.

Portanto, seguindo para a leitura literária, preparamos o nosso ambiente da sala de aula. A turma foi dividida em grupos, deixando os estudantes livres para se organizarem da melhor maneira para todos. O importante era que eles se sentissem confortáveis com os colegas de grupo para dialogarem sobre os sentimentos suscitados nos poemas sortidos. As cópias das poesias selecionadas, “A Torcida”, “Seiscentos e Sessenta e Seis”, “Infância”, foram distribuídas de forma impressa para os grupos. Após uma leitura com seus pares reunidos, os alunos foram orientados a debater e trocar entre si as percepções de cada um sobre as emoções evocadas pelos textos, tentando, em alguma medida, chegar a um consenso de qual sentimento predominava nos versos.

Ao circular pela sala, aproximando-me dos grupos sem interferir diretamente nas conversas, pude testemunhar algo incrível acontecer e crescer em minha sala de aula. Os alunos demonstraram muita autonomia na leitura e na identificação das emoções a partir da leitura dos poemas, guiando-se mais pelo sentir do que por qualquer resposta esperada; entre si, desenvolveram uma sintonia de respeito e acolhimento genuíno à opinião do outro colega. Essa atividade estava muito além da obrigação escolar, os grupos estavam entregues à tarefa em sua própria cadência.

Era potente ver como cada grupo se apropriava à sua maneira dos textos que tinham em mãos. Um dos grupos optou, espontaneamente e sem qualquer orientação prévia, por sublinhar os versos com as cores correspondentes às emoções retratadas no filme: usavam a caneta azul para os trechos que classificavam como tristes, por exemplo, laranja para aqueles que provocavam alguma ansiedade, e assim por diante.

Esse gesto inesperado, nos vislumbrou a criatividade desses alunos que, muitas vezes, fica soterrada por condutas excessivamente formais em sala de aula. Fato que é exaltado por muitos estudiosos da leitura, como Michèle Petit, que comenta sobre esse papel crucial da fruição nos momentos de encontro com o texto literário:

Mais do que a decodificação dos textos, o essencial da leitura era, ao que parecia, esse trabalho de pensar, de devaneio. Esses momentos em que se levantam os olhos do livro e onde se esboça uma poética discreta, onde surgem associações inesperadas. (Petit, 2009, p. 24)



Descrição da imagem: Aluna realizando a leitura e interpretação ativa do texto a partir de um código de cores inspirado nas personagens do filme

Debate sobre o cânone

Em meu Ensino Médio, fui apresentada ao poema “A Torcida” que, até então, acreditava ser de Carlos Drummond de Andrade e, a partir deste marco, sempre me lembrei dele com muito carinho, e foram versos que me acompanharam até minha formação no ensino básico. No entanto, já na faculdade, acabei por descobrir que a poesia, na realidade, não poderia ter sua autoria atribuída a Drummond confirmada, como eu e outros professores acreditavam ser. Mesmo após tantos anos, não houve forma de localizar sua real origem, mas isso não fazia do texto uma obra inferior, pelo contrário.

Com isso em mente, aproveitamos esse possível entrave para gerar um debate importante na turma: quem escreve poesia precisa ser famoso para ser lido? Quantas vozes potentes circulam em sala de aula, nas redes sociais ou em fragmentos espalhados pelo mundo, sem jamais receberem o reconhecimento que merecem? Quem decide quem faz parte deste cânone que somos apresentados na escola?

Os alunos, em suas próprias respostas fornecidas ao questionário inicial, demonstraram tamanho respeito pelas literaturas que conhecem como clássicas, aquelas que todos devem, assim como eles manifestaram, ser “obrigados a ler”. No entanto, só após distribuir os textos impressos e deixar que eles realizassem as leituras por conta própria é que revelamos o anonimato do poema.

Fizemos os estudantes compreenderem que o cânone literário, embora fundamental, como eles mesmos também consideravam, é resultado de escolhas históricas, culturais e políticas. Logo, refletir sobre quem está dentro e quem fica de fora foi uma forma encontrada por nós de ampliar o horizonte de nossos estudantes.

Uma situação que poderia ser vista de maneira inadequada sob uma visão mais formalista e tradicional do ensino, acabou nos abrindo portas para muitas reflexões interessantes.

Alguns alunos, inclusive, relembrou citações equivocadamente atribuídas à autora Clarice Lispector que circulam pelas redes sociais, o que enriqueceu ainda mais a conversa sobre a importância de reconhecer o contexto, a autoria e os processos que definem o que entra — e o que permanece — no cânone literário.

Dessa forma, mantivemos o poema na oficina, não como um texto consagrado por seu autor, mas como um texto vivo, que mobiliza afetos, memórias e reflexões e que, por si só, já tem valor. Fato que foi identificado pelos próprios estudantes durante a análise em conjunto.

Na próxima página, você poderá ler na íntegra o poema em questão:

• Poema de autoria desconhecida:

A Torcida

Mesmo antes de nascer, já tinha alguém torcendo por você.
Tinha gente que torcia para você ser menino.
Outros torciam para você ser menina.
Torciam para você puxar a beleza da mãe, o bom humor do pai.
Estavam torcendo para você nascer perfeito.

Daí continuaram torcendo. Torceram pelo seu primeiro sorriso, pela primeira palavra, pelo primeiro passo.
Seu primeiro dia de escola foi a maior torcida. E o primeiro gol, então?
E de tanto torcerem por você, você aprendeu a torcer.

Torcia o nariz para o quiabo e a escarola.
Mas torcia por hambúrguer e refrigerante. Começou a torcer até para um time. Provavelmente, nesse dia, você descobriu que tem gente que torce diferente de você.

Seus pais torciam para você comer de boca fechada, tomar banho, escovar os dentes, estudar inglês e piano. Eles só estavam torcendo para você ser uma pessoa bacana.
Seus amigos torciam para você usar brinco, cabular aula, falar palavrão.

Eles também estavam torcendo para você ser bacana. Nessas horas, você só torcia para não ter nascido. E por não saber pelo que você torcia, torcia torcido. Torceu para seus irmãos se ferrarem, torceu para o mundo explodir.

E quando os hormônios começaram a torcer, torceu pelo primeiro beijo, pelo primeiro amasso. Depois começou a torcer pela sua liberdade. Torcia para viajar com a turma, ficar até tarde na rua. Sua mãe só torcia para você chegar vivo em casa. Passou a torcer o nariz para as roupas da sua irmã, para as idéias dos professores e para qualquer opinião dos seus pais.

Todo mundo queria era torcer o seu pescoço. Foi quando até você começou a torcer pelo seu futuro.

Torceu para ser médico, músico, advogado.

Na dúvida, torceu para ser físico nuclear ou jogador de futebol.

Seus pais torciam para passar logo essa fase.

No dia do vestibular, uma grande torcida se formou.

Pais, avós, vizinhos, namoradas e todos os santos torceram por você.

Na faculdade, então, era torcida pra todo lado. Para a direita, esquerda, contra a corrupção, a fome na Albânia e o preço da coxinha na cantina.

E, de torcida em torcida, um dia teve um torcicolo de tanto olhar para ela. Primeiro, torceu para ela não ter outro. Torceu para ela não te achar muito baixo, muito alto, muito gordo, muito magro

Descobriu que ela torcia igual a você. E de repente vocês estavam torcendo para não acordar desse sonho.

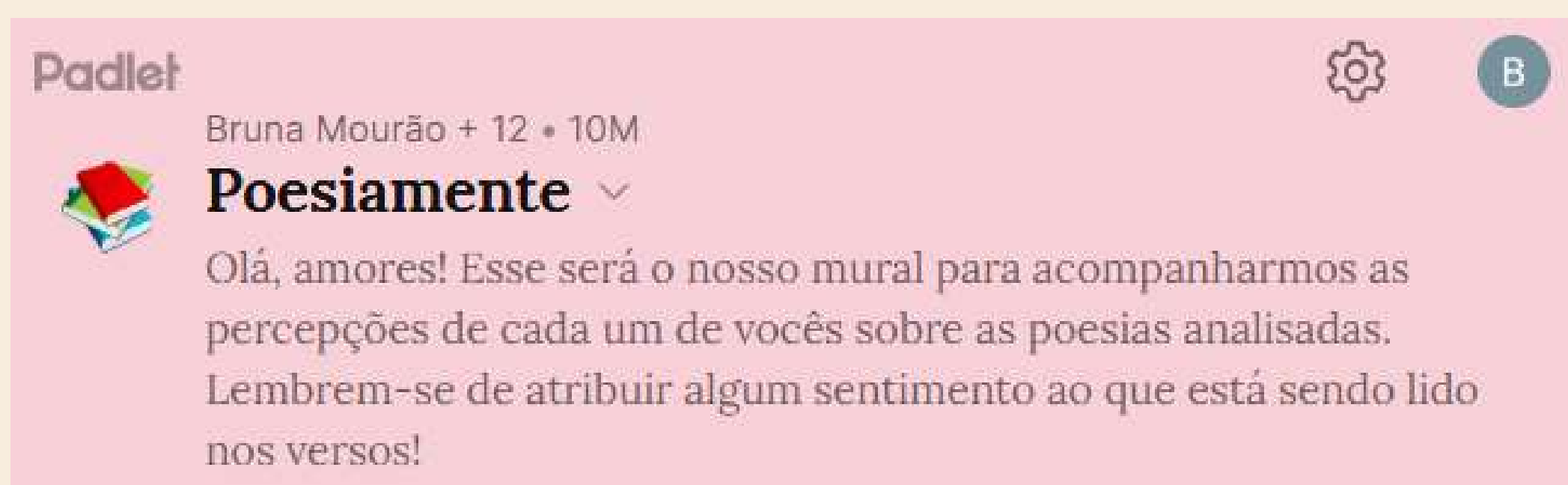
Torceram para ganhar a geladeira, o microondas e a grana para a viagem de lua-de-mel.

E daí pra frente você entendeu que a vida é uma grande torcida. Porque, mesmo antes do seu filho nascer, já tinha muita gente torcendo por ele.

Mesmo com toda essa torcida, pode ser que você ainda não tenha conquistado algumas coisas. Mas muita gente ainda torce por você!

Encaminhamentos para o fim da Oficina

Em seguida, os discentes foram convidados a registrar livremente, acessando um mural virtual do aplicativo Padlet — criado a partir do site: www.padlet.com —, o que sentiram ao ler os poemas e, concomitantemente, relacionar os respectivos versos dos textos lidos aos sentimentos observados no filme. Todas as respostas demonstraram uma apropriação sensível das leituras, algumas emocionadas, outras mais bem humoradas ou sensíveis. Foi-se, assim, formando visualmente e simbolicamente esse mural de ideias acrescentadas no Padlet por cada grupo da sala. O lado positivo do uso da plataforma em questão foi a possibilidade disponibilizada de que cada estudante pudesse ver também o que seus outros colegas escreveram sobre os poemas que leram, visualizando como cada um teve uma percepção sobre o texto que possuía, gerando até uma certa curiosidade para saber o que os outros haviam recebido para ler.



Descrição da imagem: Mensagem direcionada aos alunos quando entravam no mural da turma do 2º ano para inserirem seus comentários a respeito da atividade: “Olá, amores! Esse será o nosso mural para acompanharmos as percepções de cada um de vocês sobre as poesias analisadas. Lembrem-se de atribuir algum sentimento ao que está sendo lido nos versos!”

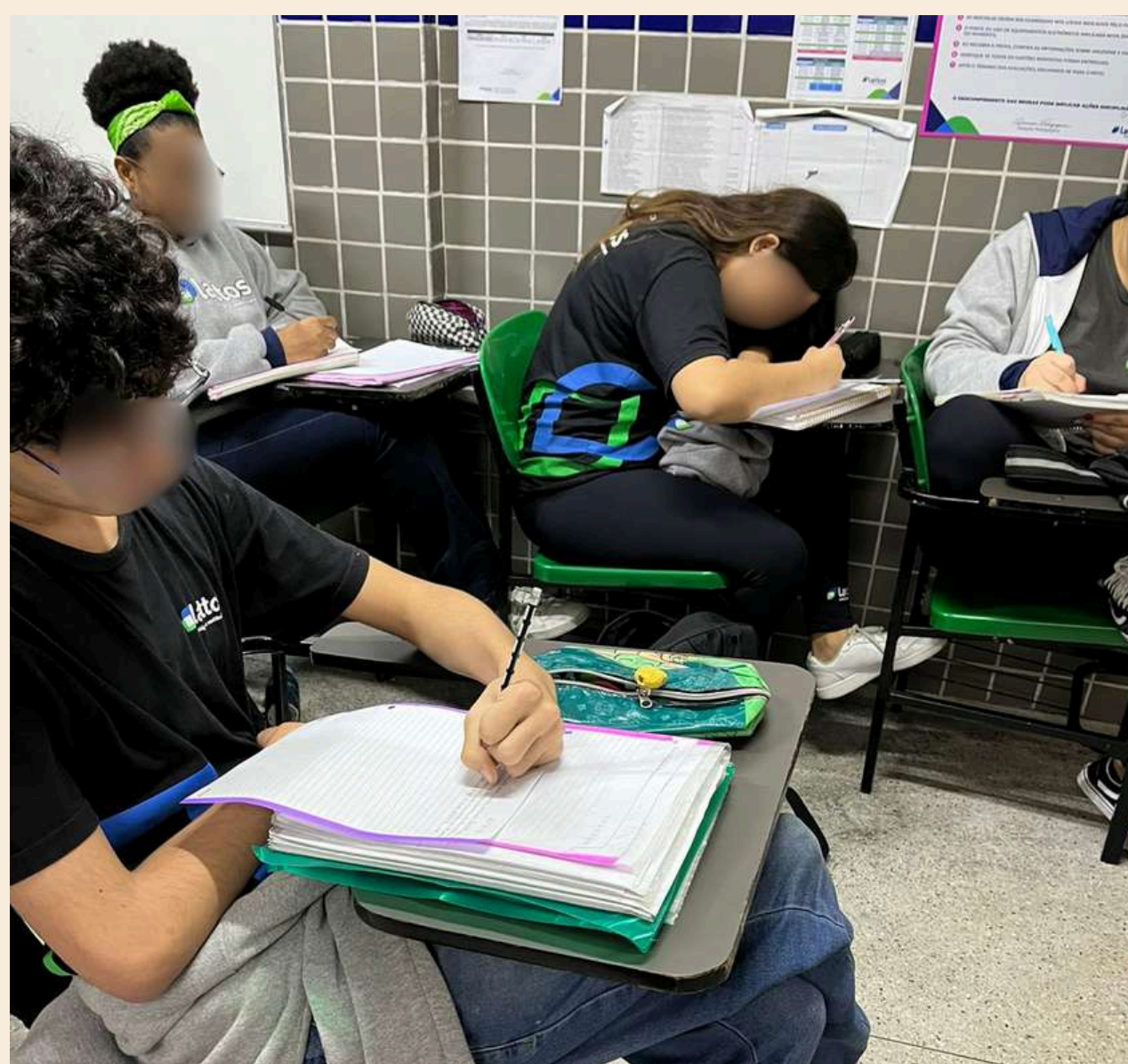


Descrição da imagem: Layout do mural final após a publicação da atividade no aplicativo Padlet pelos grupos da turma.

E no último parágrafo, toda aquela ansiedade volta novamente, mostrando que não é sempre que seremos felizes e que existe momentos que realmente duvidamos de tudo e todos e não sabemos como continuar traçando nossas vidas, mas sempre haverá alguém para nos apoiar e torcer por nós e mostrar que nada nunca está totalmente perdido.

A visualização final deste mural virtual foi uma grata surpresa. Embora em nenhum momento tivessem sido obrigados ou forçados a responder ou seguir rigorosamente todas as etapas da atividade, o que se observou foi um forte engajamento. Os alunos se empenharam na escrita de textos bem extensos e elaborados, nos quais expuseram suas percepções e opiniões sobre o que foi lido. Era visível o prazer em se expressar, e a literatura, ali, parecia pulsar com mais liberdade.

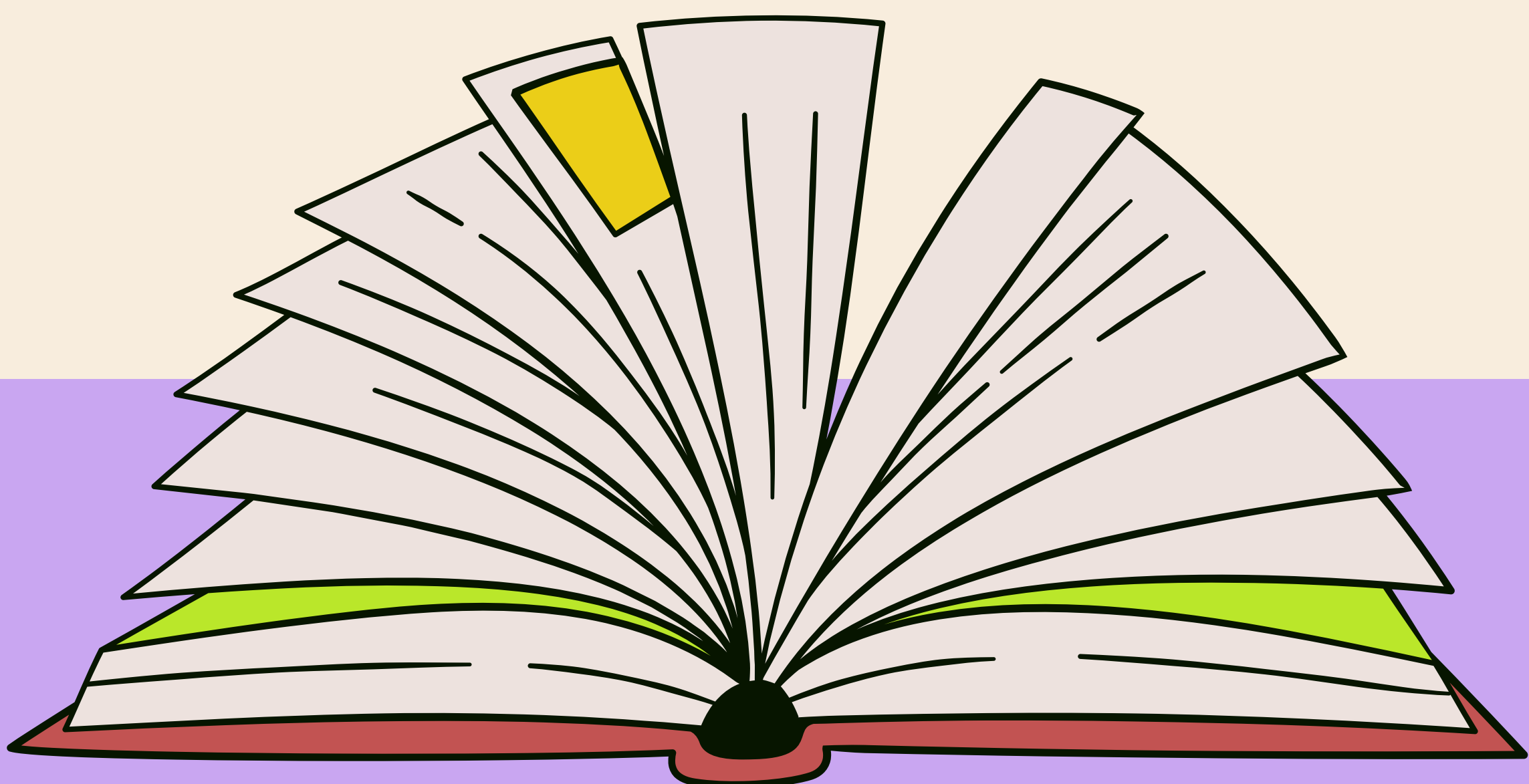
Como quarta e última aula sobre a Oficina Literária em questão, os alunos receberam uma provocação final. Deveriam escrever, individualmente, uma carta endereçada às próprias emoções.



O intuito era que os estudantes criassem uma memória afetiva, assim como vista com frequência no filme, para si mesmos. Os textos foram feitos como registros de uma conversa entre o “eu” do presente e o “eu” do futuro. As cartas foram seladas e serão devolvidas em seu último ano do Ensino Médio, como um reencontro simbólico e significativo consigo mesmos.

Durante todo o processo, foi importante ministrar as emoções delicadas que surgiam de cada aluno e acolhê-las. Houve, por parte de alguns estudantes, um momento de emoção forte e choro intenso. Afinal, mais do que um exercício de escrita e correção, foi uma escuta interna, quase um desabafo desses jovens sempre tão sensíveis ao que os cerca.

Dessa maneira, em conjunto, a turma debateu e compreendeu um pouco melhor o seu lugar no mundo enquanto sujeito que pensa e sente, algo essencial quando se trabalha com a fruição literária.



- **Poema de Carlos Drummond de Andrade utilizado:**

Infância

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que a minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.

Referência: ANDRADE, Carlos Drummond de. Infância. In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: Record, 1991.

- **Poema de Mario Quintana utilizado:**

Seiscentos e Sessenta e Seis

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6^a-feira...

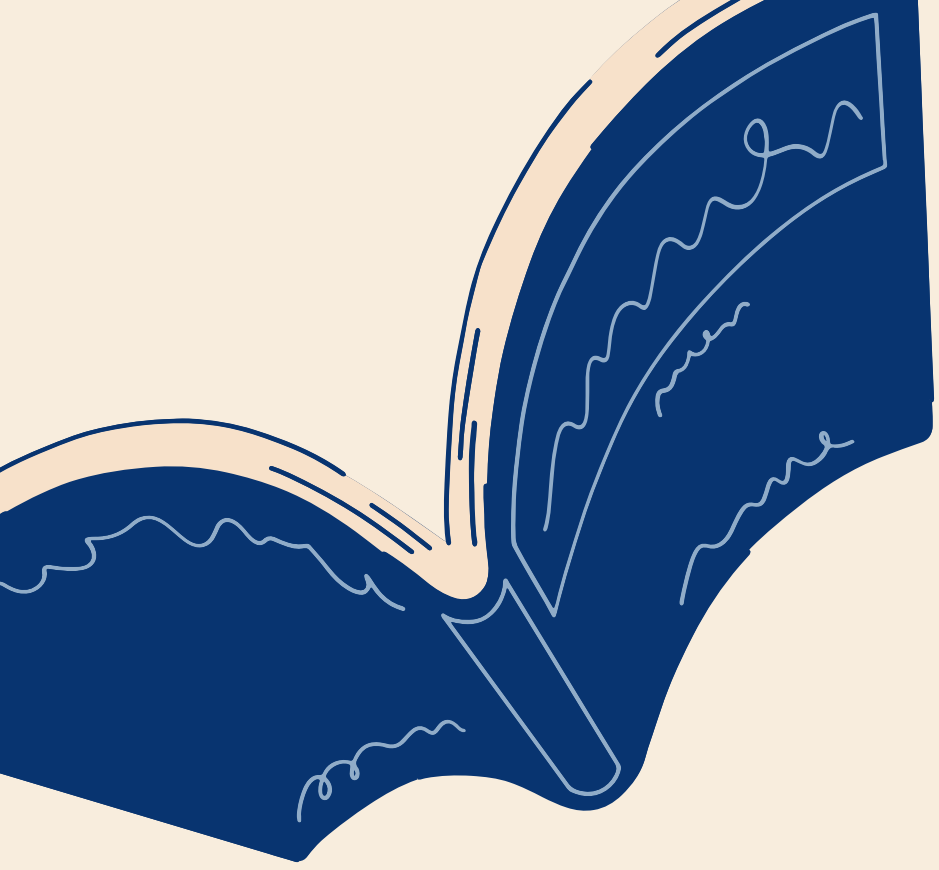
Quando se vê, passaram 60 anos!

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade, eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...

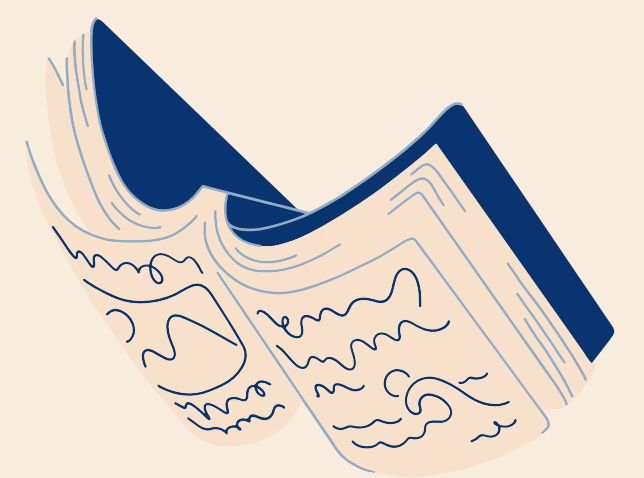
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

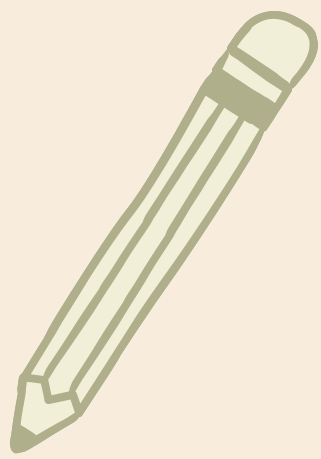
Referência: QUINTANA, Mario. Seiscentos e Sessenta e Seis. In: Nova Antologia Poética. 9. ed. São Paulo: Globo, 2003.



O Oficina Literária

“Mastigar o instante”





Preparação...



DURAÇÃO

Realizada em 1 aula de 50 minutos.

TEXTO-BASE

- “Medo da eternidade”, crônica de Clarice Lispector

MATERIAIS USADOS

- Recursos audiovisuais para exibição da crônica lida;
- Caixa de goma de mascar

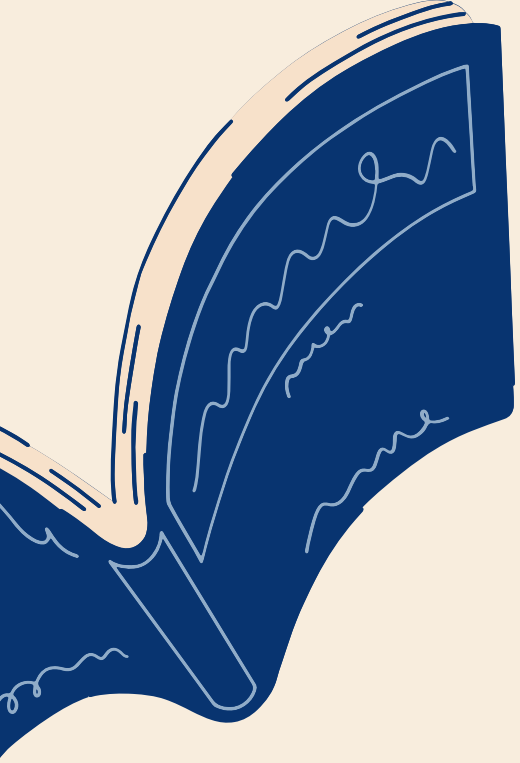


Preparação...



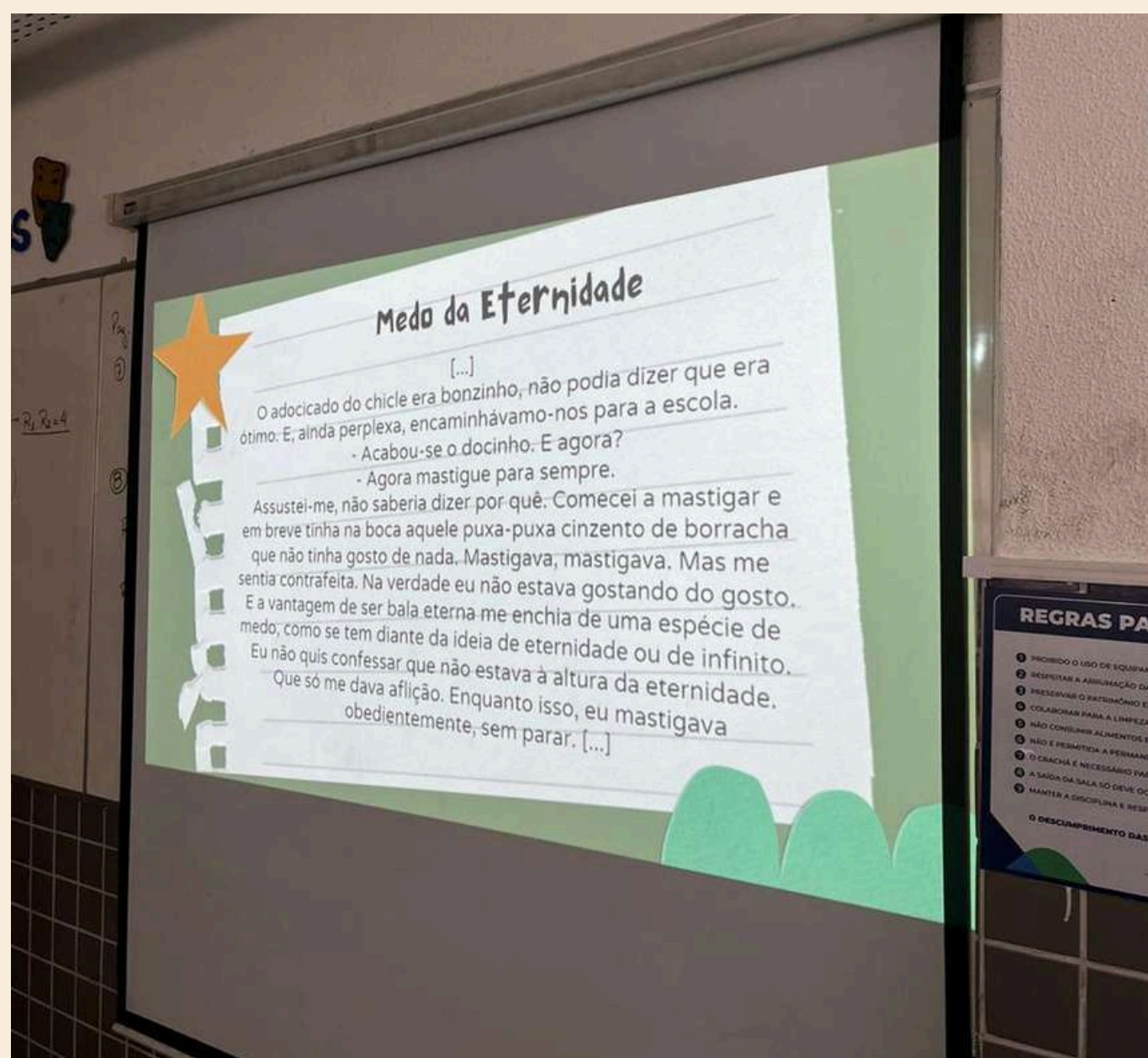
OBJETIVOS

- Estimular a leitura literária a partir de textos da Literatura Brasileira;
- Promover uma reflexão crítica sobre o tempo e os medos que atravessam a experiência humana;
- Aproximar o aluno de obras clássicas da literatura nacional por meio de estratégias sensoriais e afetivas;
- Explorar o potencial simbólico da linguagem em textos curtos, como a crônica;
- Desenvolver a habilidade de interpretar e ressignificar objetos e experiências do dia a dia por meio da literatura;
- Favorecer a escuta e o compartilhamento de sentimentos universais, como o medo e o desejo

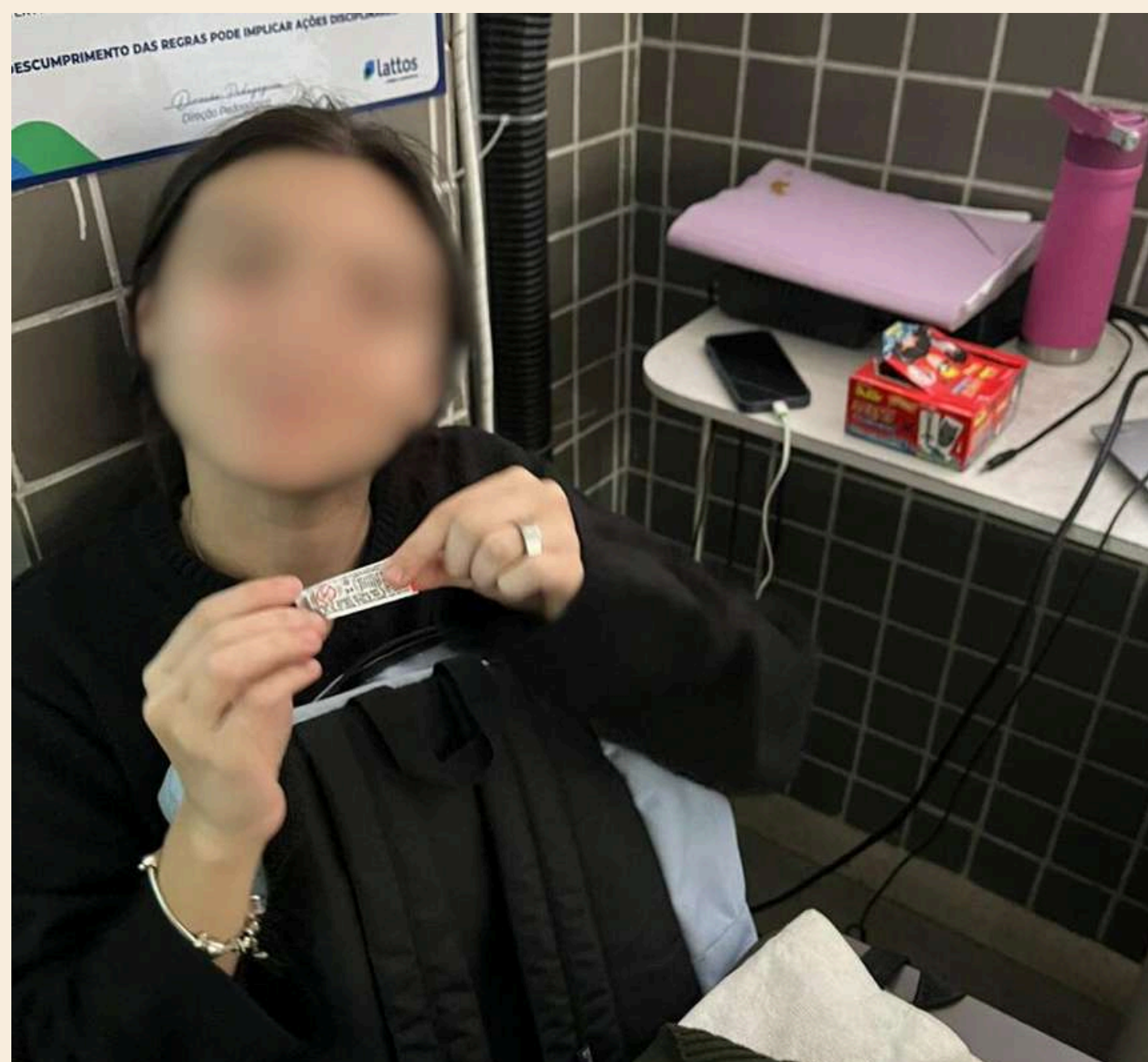


Acervo literário

“MASTIGAR O INSTANTE”



Descrição da imagem: Recurso utilizado para projetar o texto integral para leitura com os alunos



Descrição da imagem: Aluna entusiasmada recebendo a goma de mascar

Descrição da Oficina:

Esta oficina foi criada a partir do desejo e da necessidade de aproximar nossos alunos do universo da Literatura Brasileira, desassociando aquela perspectiva, tão difundida pelos alunos nas respostas dos questionários, de que os textos do século passado são difíceis, entediantes e fora da nossa realidade atual.

Essa segunda dinâmica recorreu aos textos curtos, oferecidos pela nossa vasta e rica literatura: as crônicas. Isso porque esse gênero textual é um ótimo aliado em nossas salas de aula, uma vez que, como mencionado algumas vezes, nosso tempo é sempre tão exíguo. Além disso, pela sua aparência curta, os alunos se sentem encorajados para dar a primeira chance com um simples passo: ler. Nesse sentido, trouxemos para a aula de Literatura o texto Medo da Eternidade (p. 289-91, 1984), da autora Clarice Lispector.

Nesse pequeno texto, a partir de uma situação tão banal, como mascar um chiclete, a autora busca provocar uma profunda reflexão no leitor a respeito da forma como encaramos o tempo e, conseqüentemente, nossos medos. Nesta narrativa, encontramos uma menina inquieta que tem o desejo de, um dia, poder mascar chicletes como sua irmã mais velha fazia. Entretanto, no momento em que consegue realizar isso, percebe que não era bem aquilo que ela imaginava, e se confronta com a inquietante sensação de possuir algo eterno em sua boca.

A discussão se iniciou antes mesmo da leitura propriamente dita, haja vista que apenas adentrar na sala segurando uma caixa de goma de mascar já despertou certo alvoroço entre os jovens ali presentes. Essa curiosidade foi, em certa medida, útil para já voltar a concentração daqueles estudantes para o que faríamos na aula.



Descrição das imagens: Alunos empolgados abrindo os chicletes para mascar e encontrando tatuagens temporárias

Não foi uma surpresa para nós que todos os alunos abriram seus chicletes e os aproveitaram no mesmo instante em que distribuímos. Sem ao menos precisarmos pedir, os alunos já estavam realizando a atividade que gostaríamos. Afinal, vivenciar o texto ao mesmo tempo em que masca o chiclete foi crucial para que realmente sentissem as emoções e angústias compartilhadas pela narradora do texto clariciano. Ao experimentar a trivialidade daquela atitude, o jovem se entendeu como parte do processo, não só da leitura, como da engrenagem da vida que move os nossos dias aparentemente tão triviais.

Reconheço que a escolha de projetar o texto não tenha sido a mais acertada que poderíamos ter feito. O uso do projetor, embora prático, parece distanciar o aluno, esvaziando parte da experiência sensorial e corpórea que a leitura literária pode oferecer. Ademais, ao centralizar a leitura na voz da professora, como ocorreu nesta oficina, comprometemos, em alguma medida, a possibilidade de um envolvimento mais íntimo e autônomo dos estudantes com o texto, cuja leitura é feita no ritmo de cada estudante.

Apesar dos pequenos detalhes que poderiam ter prejudicado a atividade, entendemos que esse é um fator de fácil resolução para aplicação em novos contextos. No mais, a leitura foi realizada de forma exitosa, nos permitindo realizar aquilo que intencionávamos com a dinâmica.

Pensando nesse modo de fazer o texto fruir, iniciamos o debate aproximando os alunos do enredo não só oferecendo o chiclete, mas analisando os laços de família difundidos na crônica. Para conhecer melhor os estudantes e envolvê-los na história, perguntei à turma quem tinha irmãos e estimulei que compartilhassem brevemente como eram essas relações. Aproveitei também para dividir algumas experiências pessoais com meus próprios irmãos, o que ajudou a estreitar os vínculos e a ampliar a identificação dos estudantes com a obra, que se desenrola a partir da descoberta proporcionada pelo contato com a irmã mais velha da personagem.

Após essa descontração, adentramos na análise da escrita propriamente. Aproveitamos o ensejo de proximidade dos estudantes com a goma que mascavam no momento da leitura e, quando a finalizei, perguntei se eles ainda sentiam o adocicado em suas bocas, e os resmungos baixos deixaram claro que já havia perdido o gosto agradável inicial. Essa mesma atitude pôde ser observada na crônica lida, quando a menina percebe que o chiclete não era tão aprazível assim.

Examinamos, juntos, as escolhas lexicais elaboradas propositalmente pela autora. Pedi para que buscassem no texto as formas diferentes pelas quais a escritora nomeava a “goma de mascar”, conforme me listavam, anotava-as no quadro. Procurei, assim, conduzir o olhar dos estudantes de forma que compreendessem o valor dado ao chiclete no decorrer do texto, isto é, por meio das impressões e interpretações coletivas, eles conseguiram, por conta própria, identificar como as palavras foram utilizadas de acordo com o peso que a autora queria. Dessa forma, como é posto no texto, um “puxa-puxa cinzento de borracha” recebe um peso e uma conotação muito diferente daquela ilusão inicial trazida pela “pequena pastilha cor-de-rosa”.

Além disso, propusemos uma reflexão coletiva sobre as temáticas universais presentes na crônica, como os sentimentos de curiosidade, desejo e medo. Ao realizar perguntas, como: “*Você gostaria de viver para sempre?*” ou “*O que faria se soubesse que hoje é o último dia da sua vida?*”, guiei seus olhares para uma conversa sobre o tempo e seus efeitos na vida humana.

Os alunos, de forma espontânea, começaram a compartilhar percepções diversas sobre o que sentiam. Alguns demonstraram entusiasmo com o fato de viver muitos anos, enquanto outros argumentaram sobre as problemáticas disso, como a solidão, a deterioração do meio ambiente, entre muitos outros temas que começaram a ser explorados sem que eu tivesse propriamente mencionado esses conceitos. Ainda que seja um tema abstrato, suspendemos o tempo para viver aquele instante de fruição e análise quase que palpável do texto.

Um dos aspectos mais significativos suscitados pelo fim dessa atividade emergiu ao longo dos meses seguintes à sua realização. A proposta, que passou a ser carinhosamente chamada pelos alunos da turma de “a aula do chiclete”, provocou uma grande curiosidade, transbordou o plano da aula em que foi aplicada. Estudantes de outras séries passaram a demonstrar curiosidade, indagando quando poderíamos replicar essa aula. Essa repercussão orgânica entre os pares conferiu à oficina um caráter quase ritualístico no meu calendário, do qual todos os alunos desejam participar e, frequentemente, me lembram disso e me requisitam.

Na época em que a presente oficina foi aplicada com a turma, os alunos estavam em semana de preparação para o exame de qualificação da UERJ. Dessa forma, não foi possível realizar a atividade final com os estudantes, visto o tempo exíguo que possuíamos. Por outro viés, foi uma forma positiva de descontrair a animosidade dos jovens antes da realização do vestibular.

Conforme havíamos planejado em um primeiro momento para os desdobramentos da leitura e discussão da crônica, proporíamos que cada aluno escolhesse um objeto comum do cotidiano (como escova de dentes, um par de sapatos, uma janela, um copo, etc.) e escrevesse um pequeno texto literário — em forma de crônica, carta ou poema — atribuindo a esse objeto uma carga simbólica ou reflexiva, assim como Clarice faz com o chiclete.

O foco seria transformar o banal em poético, repensando a função sensível e filosófica dos objetos ao nosso redor e como eles podem revelar medos, desejos ou epifanias. Os textos seriam lidos por mim em voz alta, mantendo o anonimato do aluno, em roda.

• Crônica de Clarice Lispector utilizada:

Medo da Eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas. Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba?

– Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

– Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca. – E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveira haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

– Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

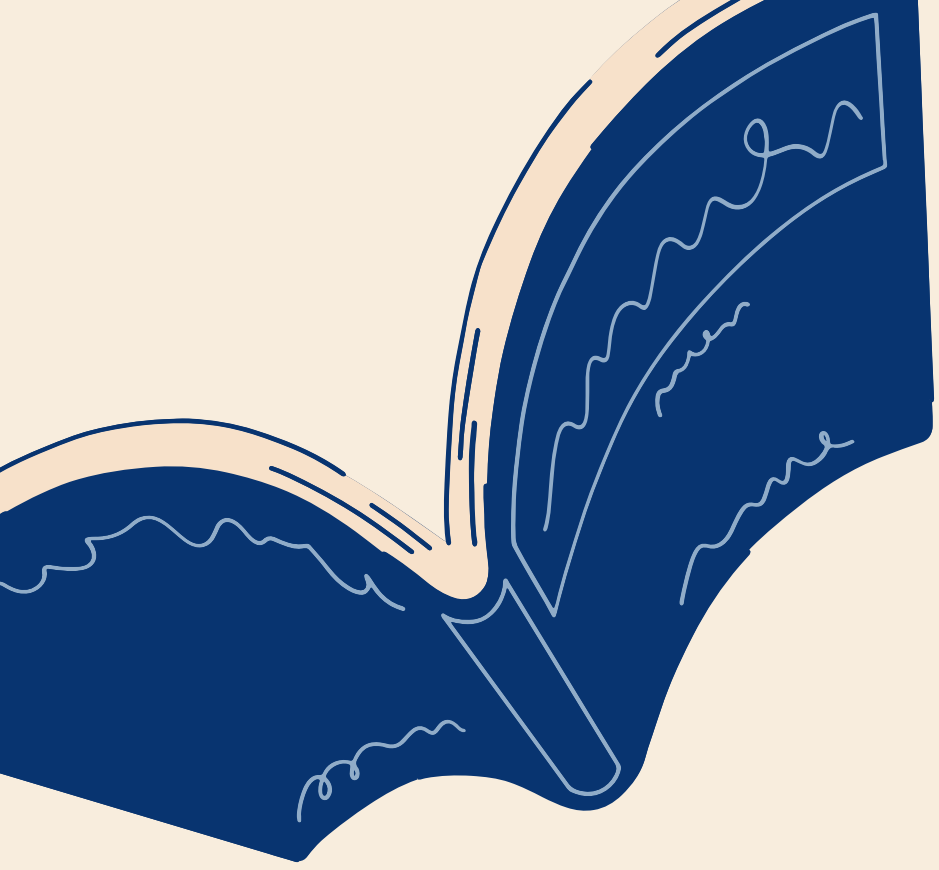
– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. – Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse – repetiu minha irmã – que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

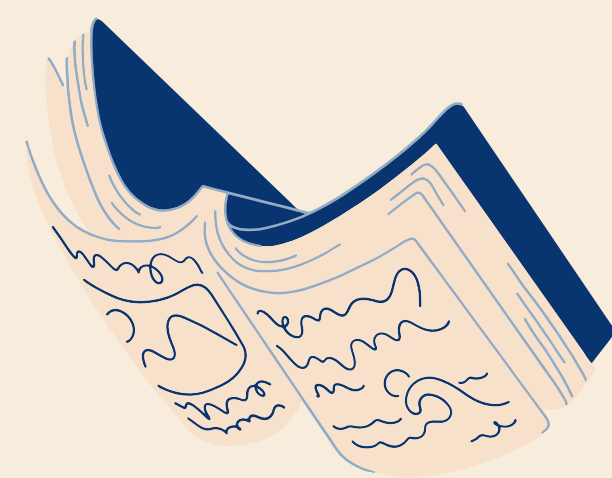
Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

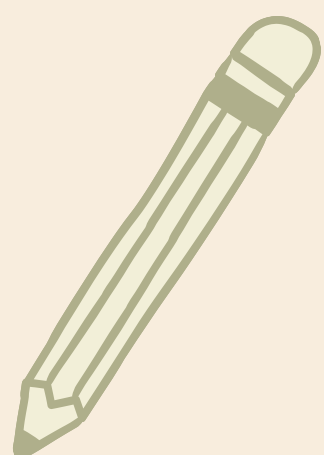
Referência: LISPECTOR. Clarice. Medo da eternidade. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 289-91, 1984.



O Oficina Literária

“O peso do medo”





Preparação...



DURAÇÃO

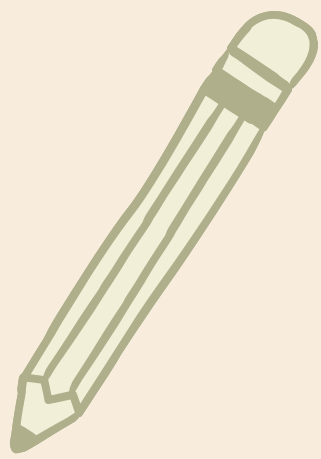
Realizada em 1 aula de 50 minutos.

TEXTO-BASE

- “Cântico IV”, de Cecília Meireles

MATERIAIS USADOS

- Cópias impressas dos poemas selecionados;
- Papel em branco;
- Caneta ou lápis;
- Lixeira (da própria sala de aula)



Preparação...



OBJETIVOS

- Estimular a leitura poética como espaço de reflexão sobre os aspectos existenciais da vida humana;
- Promover a escuta, a partilha e o respeito às emoções expressas pelos colegas em ambiente seguro e acolhedor;
- Refletir sobre o tempo, a finitude e as incertezas do futuro a partir do texto literário;
- Desenvolver a capacidade de interpretar textos literários sob uma perspectiva simbólica e subjetiva;
- Utilizar recursos simbólicos como forma de potencializar a experiência leitora e a expressão de sentimentos

Acervo literário

“O PESO DO MEDO”

Alunos realizando a atividade proposta:



Descrição da imagem: Estudantes organizados em roda para leitura compartilhada do poema.



Descrição da imagem: Estudantes lendo em voz alta o poema para a turma.

Descrição da Oficina:

Respeitando a temática até então estabelecida pelas Oficinas Literárias, aproveitamos o retorno positivo das atividades anteriores para continuar articulando temáticas similares. Trilhando uma reflexão sobre o que já havíamos feito, no momento de criar a terceira oficina, tentamos pensar nos sentimentos que se sobressaíram mais do que outros. Essa estratégia foi utilizada de modo que não perdêssemos de vista o interesse que estava sendo manifestado pelos estudantes.

A pauta do “medo” foi uma tônica recorrente ao longo das oficinas supracitadas, por isso, apresentamos aos alunos o olhar poético e musical da poeta brasileira Cecília Meireles, que trata sobre essa subjetividade da experiência humana, muitas vezes permeada por sentimentos conflitantes. Para isso, preparamos uma ambientação da sala de aula de modo que os alunos se sentissem mais próximos e acolhidos pelo espaço. Logo, mudamos o formato tradicional em fileira e organizamos as cadeiras em círculo, deixando uma visão por igual de todos os indivíduos presentes.

De início, percebemos certo desconforto pela estranheza que aquela organização os proporcionava. Não estavam acostumados a estarem “expostos” daquela maneira, de serem obrigados a olhar de frente para o outro; a habitual formatação de direcionar o olhar apenas para a figura da professora foi desfeita. Contudo, no decorrer da aula, essa tensão inicial foi naturalmente se diluindo.

Em roda, perguntei qual aluno se sentiria confortável de fazer a leitura em voz alta para a turma e alguns poucos manifestaram interesse. Nesse contexto, após a leitura inicial do poema “Cântico VI” (Maireles, 1963), pedi para que os estudantes definissem em uma palavra ou expressão o que representava o medo para eles. Respostas como “provas”, “falhar”, “reprovar”, “morrer”, “perder quem eu amo” eram as mais citadas.

Depois dessa primeira leitura do texto, achei que seria relevante, para o contexto desta oficina, compartilhar aspectos biográficos da autora Cecília Maireles. Apesar de acreditarmos que tais aspectos catalográficos da obra não sejam indispensáveis para a fruição do texto, nesse caso, ele poderia ser crucial para o entendimento e proximidade dos jovens com a escrita. Vincent Jouve compartilha dessa posição ao escrever: “Trata-se de trazer à luz determinados fatores (biografia, cultura, história, sociedade etc.) que permitem compreender por que um texto exprime o que exprime.” (Jouve, 2012, p. 40). Devido à vida árdua e repleta de perdas da nossa escritora, os estudantes criaram, como pude observar em suas reações compadecidas, uma forte empatia com os versos descritos.

Refletindo sobre as próprias manifestações espontâneas dadas pelos estudantes no círculo de leitura, conversamos sobre a ansiedade compartilhada por eles a respeito desses aspectos existenciais da vida humana. Posicionando-se sobre as incertezas que tinham a respeito de seus futuros — principalmente quanto às suas aprovações nos cursos superiores que tanto desejam ingressar — conseguimos firmar, naquele momento, um espaço instintivamente acolhedor.

Prezamos por esse momento de leitura coletiva entre os alunos, pois, de acordo com Cecília Bajour:

[...] a leitura compartilhada de alguns textos, sobretudo os literários, muitas vezes é uma maneira de evidenciar, sempre considerando a intimidade e o desejo do outro, a ponta do iceberg daquilo que se sugere por meio de silêncios e de palavras. (Bajour, 2023, p. 20)

Com base na experiência compartilhada e nas palavras ditas e silenciadas, fomos para o segundo momento da atividade. Depois de realizada a leitura e a sucinta troca de perspectivas, distribui pequenas folhas em branco para todos que estavam na sala e convidei-os a escrever ali um medo que gostariam de deixar para trás, representado simbolicamente pelo ato de rasgar e jogar fora na lixeira que posicionei na frente da sala.

Neste momento, achei importante que eu também me levantasse e me dirigisse para o centro da sala, como um modo de encorajar os alunos que estavam mais tímidos para participar da dinâmica. Escrevi em meu papel um medo que tinha e o li em voz alta para a turma, rasgando-o logo depois e jogando-o no lixo.

Inicialmente, acreditei que nenhum estudante fosse aceitar participar, mas observei um efeito reverso. Depois que um primeiro aluno se pronunciou em começar, outros também sentiram-se à vontade para serem ouvidos e acolhidos.



Descrição das imagens: Momento de escuta e acolhimento dos medos compartilhados pelos estudantes na frente da sala.

Desde o dia em que elaborei esta oficina, sabia o quão complexa ela seria para meus alunos. Por esta razão, me senti esperançosa ao perceber que os colegas estavam incentivando uns aos outros, sem julgar ou atrapalhar o que o outro dizia. Após cada fala, havia abraços, lágrimas emocionadas e aplausos para aqueles que iam à frente da sala.

Contudo, ainda que a dinâmica exigisse certo nível de exposição pessoal, os alunos, em nenhum momento, foram coagidos a falarem na frente de todos. Eles poderiam, caso desejassem, apenas ir até a lixeira e rasgar o papel para jogá-lo fora sem proferir qualquer palavra a respeito. Até esse momento de silêncio foi respeitado e reconhecido pelo restante da turma, confirmando o nível de entrosamento e empatia compartilhados por eles, mesmo perante uma entrega emocional tão grande.

Em casos de oficinas como essa, é fundamental que nós, enquanto mediadores, estejamos disponíveis a escutar o que eles têm a nos dizer, mas também estarmos aptos a lidar com as situações dolorosas que possam vir a aparecer.



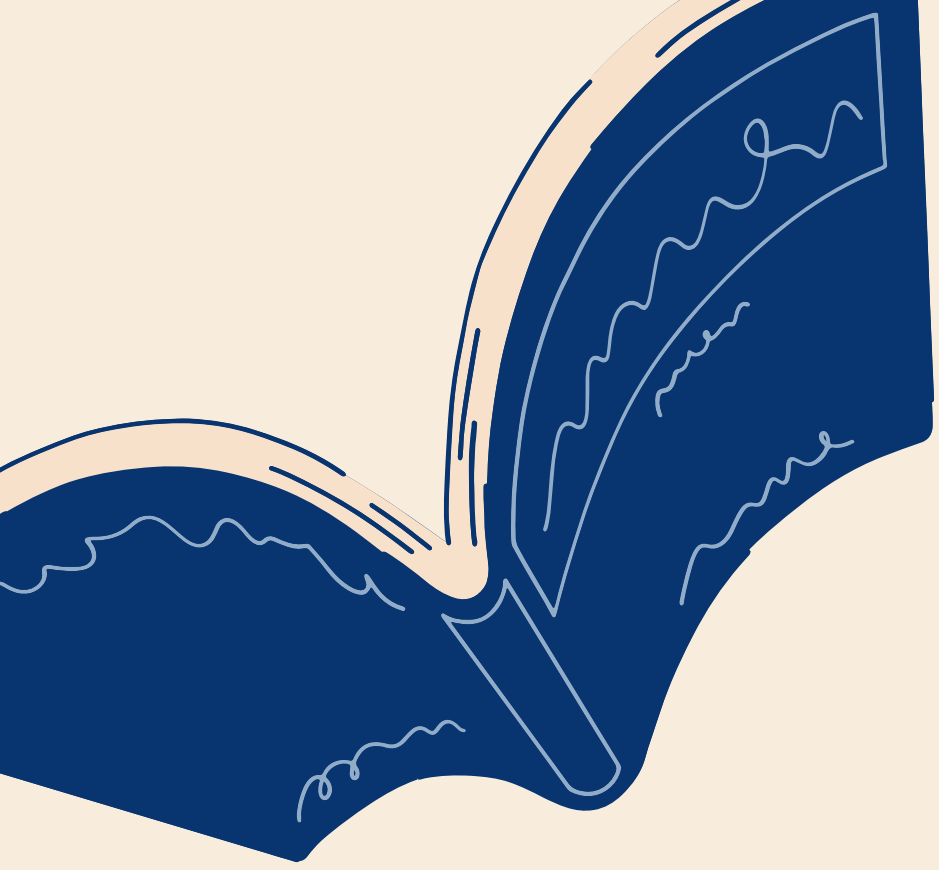
- **Poema de Cecília Meireles utilizado:**

Cântico IV

Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.

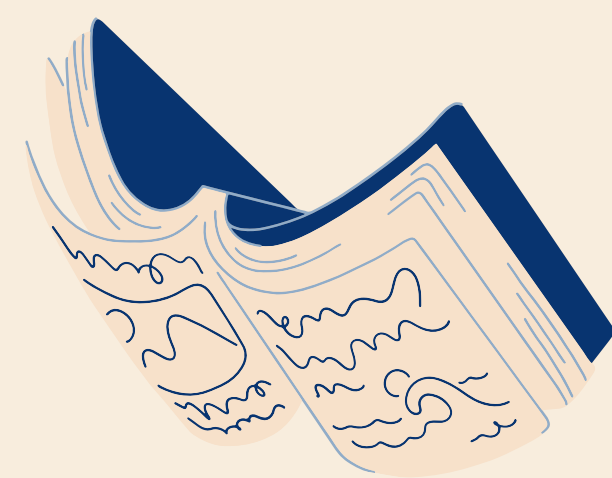
E então serás eterno.

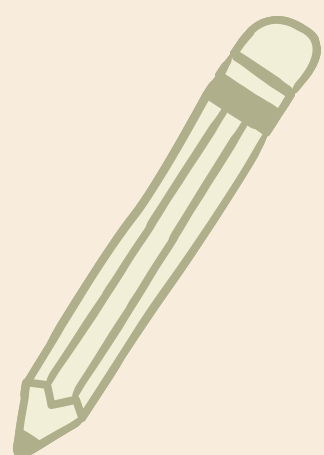
Referência: MEIRELES. Cecília. Cântico IV. In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: Record. 1963



O Oficina Literária

“Aquilo que
permanece”





Preparação...



DURAÇÃO

Realizada em 2 aulas de 50 minutos cada.

TEXTOS-BASE

- “Guardar”, de Antonio Cicero;
- “Memória”, de Carlos Drummond de Andrade

MATERIAIS USADOS

- Recurso audiovisual para projeção dos poemas;
- Objetos trazidos pelos alunos (combinar com antecedência);
- Aplicativo de música para criação de playlist colaborativa



Preparação...



OBJETIVOS

- Promover uma síntese simbólica das experiências vividas ao longo das oficinas anteriores;
- Estimular a escuta sensível e o compartilhamento de memórias afetivas por meio da literatura, da música e da oralidade;
- Trabalhar a poesia como linguagem capaz de ressignificar objetos e experiências do cotidiano;
- Refletir sobre a permanência simbólica das lembranças na construção da identidade de cada sujeito;
- Criar espaços de acolhimento e pertencimento na sala de aula, valorizando a diversidade de histórias e trajetórias dos estudantes
- Integrar múltiplas linguagens artísticas (poesia, música e gesto) em uma proposta que incentive a expressão subjetiva dos alunos



Acervo literário

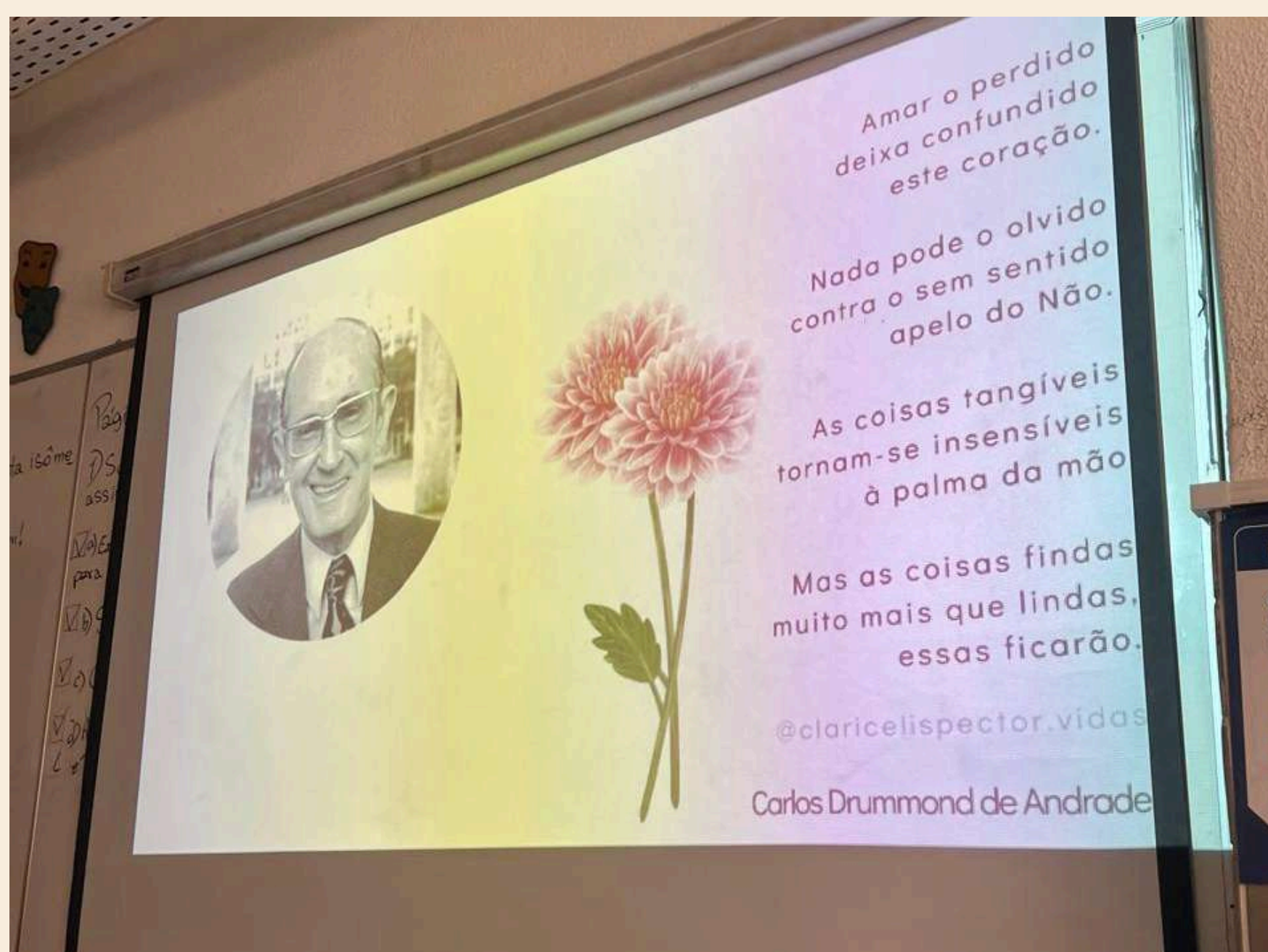
“AQUILO QUE PERMANECE”



Alunos realizando a atividade proposta:



Descrição da imagem: Alunos sentados em roda, no chão da sala de aula, compartilhando suas memórias com os demais.



Descrição da imagem: Poesia de Drummond projetada para leitura coletiva.

Descrição da Oficina:

À medida que nos aproximávamos do fim do ano letivo e, conseqüentemente, do encaminhamento para o final da aplicação da pesquisa, idealizamos uma última Oficina Literária que reunisse as estratégias já utilizadas até aqui, articulando-as a uma proposta que operasse de forma mais integradora e simbólica, capaz de promover uma síntese afetiva e formativa das experiências vividas ao longo do percurso que vivemos juntos. Estávamos realmente empenhadas em propor um momento significativo e, sobretudo, simbólico no marco da vida desses jovens estudantes, prestes a adentrar o ano marcado pela pressão dos vestibulares.

Isso tudo sem alimentar a pretensão de erradicar, com a finalização desse conjunto de quatro oficinas, todas as problemáticas do ensino de literatura na escola ou de revolucionar os hábitos leitores de nossos discentes. Meu maior desejo era entrelaçar literatura e vida a momentos que pudessem se tornar memória eternizada, com as quais eles ainda pudessem sonhar e lembrar por muitos e muitos anos. Queria oferecer aos jovens, com sua sede de viver e descobrir o próprio lugar no mundo, experiências que os tocassem verdadeiramente.

Assim, com os meses de convivência e proximidade, sentíamos que a turma entrava em uma grande sinfonia, na qual cada aluno tinha seu papel de destaque para o funcionamento uníssono do todo.

Afinando os ouvidos e nos deixando guiar pela melodia própria do grupo, observei que meus alunos eram extremamente musicais. Isso porque cultivamos o hábito de ouvir músicas juntos nos momentos que eram propícios para tal, como quando copiavam em seus cadernos algum conteúdo que passava no quadro. Virou um costume tão forte que foi preciso criar uma playlist compartilhada da turma para que cada um inserisse uma canção de sua escolha. Além dessa conjuntura, pelas nossas infinitas trocas, descobri que muitos estudantes sabiam tocar instrumentos variados, como guitarra, violão, bateria, até mesmo triângulo.

Aproveitando esse contexto harmonioso que se consolidava entre os estudantes, elaborei uma atividade que unisse a arte da palavra e a arte da música. Foi nesse mesmo período em que me aprofundava na discussão e no estudo para desenvolvimento desta oficina que o grandioso e reconhecível escritor brasileiro Antonio Cicero (1945 - 2024) se submeteu a um procedimento de morte assistida na Suíça, após descobrir uma doença degenerativa. A notícia comoveu profundamente os amigos e admiradores de seu trabalho, assim como a mim, de maneira muito particular, e me fez repensar nossa relação com a vida que passa e nos poemas que deixamos escapar entre os ruídos incômodos do cotidiano.

Dentre as infindas opções disponíveis na literatura brasileira para execução do trabalho, optei, então, pelo encontro do poema “Guardar”, de Antonio Cicero (1996), “Memória”, de Carlos Drummond de Andrade (1951) e de canções que seguiam os gostos variados dos nossos alunos.

Usamos novamente Drummond, pois os alunos já estavam mais familiarizados com o autor, visto que estávamos trabalhando, nas aulas de Literatura, com o período literário do Modernismo. Dessa forma, a proposta parecia uma mistura utópica, mas, no decorrer de sua aplicação, demonstrou-se tangível e inesquecível.

Dessa mentalidade, surgiu a oficina “Aquilo que permanece”, enfatizando o poder das coisas invisíveis em nossa existência humana, como um sorriso de quem amamos, o último abraço de alguém que já não está mais aqui, os ecos de uma voz que nos afaga. Tínhamos o interesse de tentar, de alguma maneira, materializar essas memórias afetivas e, para tal, nossa assistência se deu por intermédio da poesia e do envolvimento dos estudantes na dinâmica.

Com alguma antecedência, pedi para que os alunos pensassem em itens que tivessem marcado suas vidas e possuíssem algum valor sentimental em suas memórias. Não informei mais nada a respeito da atividade, apenas combinei o dia exato em que deveriam trazer tais objetos sentimentais. Confesso que mantive certo descrédito sobre o retorno desse pedido, embora o tenha feito muitas vezes e de maneira enfática, mas, fiquei agradavelmente surpreendida, pois nenhum aluno deixou de trazer, até mesmo aqueles que eram mais reticentes em participar de dinâmicas assim. Antes mesmo de iniciar a aula, os adolescentes já estavam pelos corredores me pedindo para falar um pouco sobre os itens que haviam trazido.

Portanto, no dia da oficina em questão, iniciei, novamente, organizando a sala em formato de roda, dessa vez, pedi para que os alunos se sentassem no chão e estivessem com os objetos sentimentais em mãos. Nesse momento, pela primeira vez durante a pesquisa, senti certa ansiedade pela atividade que iria iniciar, porque sabia que poderíamos reviver emoções muito profundas e delicadas.

Dessa maneira, fiz a projeção dos dois poemas que analisamos juntos. Começamos pelo poema de Drummond, cuja leitura foi realizada em turnos: cada estrofe um novo aluno e uma nova voz. O silêncio da turma já antecipava a expectativa profunda que o momento requisitava. À proporção que os versos eram lidos, pude observar olhares atentos, respirações mais longas, mãos que seguravam com mais firmeza os objetos que haviam trazido. Era como se cada um estivesse absorvendo o peso daquelas palavras drummondianas e, aos poucos, se apercebendo do que viria a seguir.

Um dos alunos, após minha provocação sobre suas impressões do poema, comentou que o verso final o lembrava de sua avó, que havia falecido recentemente. Em suas palavras: “[...] mesmo não estando mais lá em casa, todas as coisas ainda lembram ela. Até a última blusa que ela usou continua dobrada no armário [...]” (Diário de bordo da pesquisadora, Parte IV). Nesse ponto, percebi que cada aluno já saboreava o despertar de algum sentimento íntimo.

Já na leitura da segunda poesia, de Antonio Cicero, optei por fazê-la em voz alta e pedir para que os alunos apenas escutassem, cadenciando cada verso com a emoção pretendida.

Parecia, afinal, que cada estrofe merecia o tempo do silêncio para ressoar dentro de quem escutava. Imediatamente, gerou-se uma atmosfera de introspecção. Sabíamos, como estabelece Cecília Bajour, que essa pausa nos revela como “Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos [...]” (Bajour, 2023, p.36).

Com a finalização da leitura, aproveitando o gancho da última estrofe, convidei-os a pensar: “O que vocês guardam? Como a gente guarda o que importa?”. Contudo, o que não esperava era que a primeira pergunta, na realidade, retornasse a mim: um aluno levantou a mão e me questionou “Você não trouxe nenhum objeto, mas a gente queria saber o que você também traria e diria pra gente.” (Diário de bordo da pesquisadora, Parte IV).

Esse momento delicado, nos proporcionou abrir portas para o nosso lado profundamente emotivo e sentimental. Avisei-os de que meu objeto pessoal jamais poderia ser trazido de forma material, apenas na memória, uma vez que se tratava do bolo de morango que minha avó sempre fazia com muito carinho em datas comemorativas da nossa família. Ao proferir essas palavras, juntamente com a finalização do poema, não pude conter a pequena emoção que se formava em meus olhos. No lugar de sentir vergonha por estar com o olhar marejado e a voz embargada na frente de meus alunos, vislumbrei a contemplação tenra de cada um que me fitava, compadecido e, em alguns casos, se emocionando junto com a minha fala.

Encerrando minha participação, perguntei quem gostaria de ser o primeiro a falar um pouco sobre o item que segurava, seguindo depois o sentido horário dos que estavam na roda. Com a tensão inicial, uma aluna sentiu vontade de se expressar e contar resumidamente a sua história e o que carregava como lembrança materializada em seu bichinho de pelúcia. Dessa forma, seguimos na escuta atenta de cada narrativa, conhecendo, lentamente, os indivíduos que compunham aquela sala para além do espaço escolar.

Determinadas histórias me tocaram em lugares profundos, fazendo novas emoções serem transbordadas. Alguns relatos foram fortes e bastante emotivos, deixando que, muitas vezes, o corpo também se comunicasse em forma de choro ou riso, afinal, conforme Bajour “Desse modo, a escuta é estendida não só ao que é expresso em palavras, mas também aos signos transmitidos por gestos eloquentes. Escutar também passa por ler o que o corpo diz. (Bajour, 2023, p. 44).



Descrição das imagens: Alunos segurando os objetos de valor sentimental.

Um estudante levou a primeira roupinha de bebê que guardava de seu irmão mais novo, outra menina mostrou a blusa que seu tio usava a última vez que ela o havia encontrado, outro levou a coleção de revistas em quadrinhos que seu avô fazia para um dia presenteá-lo. Nos momentos finais da roda, entre objetos carregados de histórias, uma aluna apresentou à turma dois itens que trazia consigo: as suas sapatilhas de ballet, símbolo de sua trajetória com a arte, e, na outra mão, seu pente garfo, compartilhando conosco: “Esse foi o primeiro item que comprei após me entender enquanto mulher negra.” (Diário de bordo da pesquisadora, Parte IV).

Essa partilha foi recebida com muito respeito e atenção por todos os que estavam presentes, pois sua fala revelava com firmeza e doçura a celebração e reafirmação de sua identidade. Como professora, e mulher branca, reconheci naquele momento a potência de estar em sala não apenas para ensinar, mas, sobretudo, para aprender. Essa aluna provocou tamanha gratidão e afeto em mim que, sem dúvida, permanecerão por muitos anos em minhas memórias mais bonitas.



Por fim, após dar conta de muitos choros, abraços apertados e risadas genuínas, pedi para que a aluna representante de turma recolhesse no papel as músicas escolhidas por cada estudante. Solicitei que cada um pensasse em uma canção que remetesse a boas memórias ou a lembranças de alguém querido e, assim, acrescentasse na nossa playlist compartilhada. Elaborada pelo aplicativo do Spotify, eternizamos as coisas lindas que ficarão, apelidando essa playlist como “Aquilo que permanece”. Nela, guardamos um pedaço da memória de cada aluno que fez parte do 2º ano do Ensino Médio no ano de 2024.



Descrição da imagem: Playlist criada com a colaboração individual de cada aluno.

• Poema de Antonio Cicero utilizado:

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que um pássaro sem vôos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

Referência: CICERO, Antônio. Guardar. Rio de Janeiro: Record, 1996

- **Poema de Carlos Drummond utilizado:**

Memória

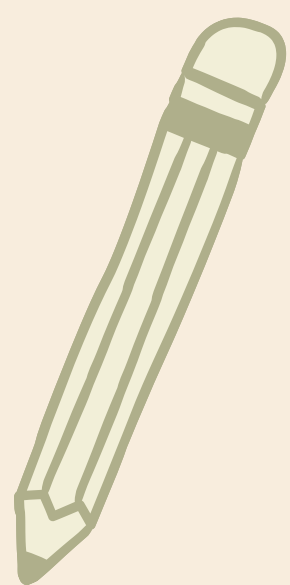
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Referência: ANDRADE, Carlos Drummond de. Memória. In: Claro Enigma. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.



Outras sugestões



... um universo de leituras e possibilidades

Nas próximas páginas, procuraremos sugerir mais algumas oficinas literárias que podem ser elaboradas e desenvolvidas com turmas de Ensino Médio.

Cada uma delas apresentará a sugestão do tempo de duração, os textos que poderão ser utilizados como embasamento e a descrição da atividade em si. Contudo, reforçamos, mais uma vez, que todas as atividades aqui presentes neste material podem — e devem — ser reaproveitadas, mas também adaptadas, para todos os formatos de turmas e alunos, respeitando a personalidade das partes envolvidas.

Esperamos que as nossas ideias possam trazer a retomada do encantamento pela leitura e a busca incessante por aulas com mais fruição e significado.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 2 aulas de 50 minutos cada.

TEXTO-BASE

- “Eu sei, mas não devia”, crônica de Marina Colasanti

PROPOSTA

Nesta proposta inspirada na crônica “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti (1972), os alunos são convidados a registrar, ao longo de alguns dias, pequenos acontecimentos ou sensações inusitadas do cotidiano, detalhes que normalmente passariam despercebidos, mas que revelam sensibilidade e contradição da vida que acontece. Eles poderão ser feitos em formato de fotografias ou, até mesmo, breves escritas.

Realizada a leitura em conjunto da crônica na íntegra, os registros podem ser reunidos em um quadro elaborado pela própria turma, promovendo um olhar poético sobre a vida diária, assim como a crônica.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 3 aulas de 50 minutos cada.

TEXTO-BASE

- “A carteira”, de Machado de Assis

PROPOSTA

Divindo a turma em pequenos grupos, podemos distribuir os textos impressos com o conto para que cada grupo leia e interpreta em conjunto. Após essa discussão em equipe, cada grupo ficará responsável por reinterpretar o conto de forma criativa, escolhendo livremente o meio de expressão: pode ser uma encenação, uma pintura, um poema, uma carta, uma colagem, uma reescrita moderna ou qualquer outro formato que dialogue com o enredo e suas nuances. Com isso, almejamos incentivar a expressão artística dos estudantes e promover relações de sentido entre diferentes textos.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 2 aulas de 50 minutos cada.

TEXTO-BASE

- “Resíduo”, de Carlos Drummond de Andrade

PROPOSTA

Após uma leitura compartilhada do poema de Drummond, de preferência com a sala organizada em uma roda, os alunos serão convidados a criar um mural do que “ficou”. Combinando previamente com os alunos, eles deverão trazer imagens, uma fotografia — antiga ou recente — de sua família ou de alguma pessoa importante para compor um mural coletivo da memória. A ideia é refletir sobre as heranças afetivas e simbólicas que nos constituem, os vestígios que permanecem em nós mesmo quando o tempo passa.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 1 aula de 50 minutos.

TEXTO-BASE

- “Tenho quebrado copos”, de Ana Martins Marques

PROPOSTA

Inspirada no poema de Ana Martins Marques, esta proposta convida os alunos a criarem um Museu dos Cacos, mas com a curadoria da palavra falada. Em roda, cada estudante é estimulado a ler um verso do poema em questão. Por fim, a professora pode estimular que cada um compartilhe, oralmente, algo que sente estar “quebrado” dentro de si, mas que gostaria de poder, de alguma forma, colar, remendar, refazer. Não é necessário expor nomes nem histórias completas: basta uma imagem, uma frase, uma lembrança. A atividade não busca consertar, mas dar voz às fissuras que nos constituem, promovendo um espaço de escuta e cuidado coletivo.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 3 aulas de 50 minutos.

TEXTO-BASE

- “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes

PROPOSTA

Após a leitura do poema com a turma, dividiremos os alunos em grupos. Entre si, devem pensar em músicas contemporâneas, de diferentes gêneros, que dialoguem com as palavras expressas nos versos de Moraes. Com as músicas em mente, poderão criar, em seguida, um Correio do Amor da série, no qual os alunos poderão depositar sugestões das músicas românticas que pensaram em equipe. A partir dessas indicações, a turma poderá organizar uma apresentação artística coletiva, que pode envolver canto, dança, declamação ou performance instrumental, promovendo uma celebração sensível do amor em suas múltiplas formas.

Outras sugestões

DURAÇÃO

Realizada em 2 aulas de 50 minutos cada.

TEXTO-BASE

- Aqueles sugeridos pelos alunos.

PROPOSTA

Como forma de dar voz aos gostos literários de cada aluno e estimular o compartilhamento espontâneo entre os pares, propus uma atividade simples, mas atenta: cada estudante deve escolher um livro ou texto que marcou sua trajetória como leitor e registrar essa indicação em um post-it, explicando brevemente o motivo da escolha e por que seus colegas deveriam ler aquela obra. Esses bilhetes podem, então, ser espalhados pelos corredores, murais e salas da escola, criando uma espécie de circuito afetivo de leitura. A proposta busca não apenas fomentar o interesse por novos títulos, mas também incentivar o compartilhamento da palavra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente Produto Educacional apresentou algumas práticas feitas por nós ao longo do ano letivo de 2024 em nossas turmas de Ensino Médio, deixando aqui registrado a delicadeza, os discursos e os resquícios deixados por cada momento experienciado a partir da lente da literatura.



Este portfólio, conforme pôde ser observado, não se encerra como uma fórmula pronta ou um manual de práticas literárias, mas como um gesto de partilha possível entre leitura, escuta e afeto. Ao longo dessas oficinas, percebemos que a literatura pode, sim, fruir entre os papéis, as palavras e os silêncios das salas de aula, desde que sejamos capazes de acolher o outro.

Esperamos que estas páginas guardem não apenas propostas, mas memórias sensíveis de uma experiência que, ao tocar os estudantes, também transformou profundamente a nós e, quem sabe, também a vocês!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A TORCIDA. Revista Eletrônica do Curso de Letras, Araras, SP, v. 3, n. 1, p. 20–25, 2009. Disponível em:

http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol3_n1_2009/5_do_coro_de_vozes.pdf

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Infância.** In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Memória.** In: Claro Enigma. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.

ASSIS, Machado de. **A carteira.** Niterói, RJ: A Estação: Jornal ilustrado para a família, 1884.

CANDIDO, Antonio et al. **O direito à literatura.** Vários escritos, v. 3, p. 235-263, 1995.

CECÍLIA, Bajour. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura.** 1ª edição. São Paulo: Pulo do Gato, 2023.

CICERO, Antônio. **Guardar.** Rio de Janeiro: Record, 1996

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia.** Jornal do Brasil: Revista de Domingo, Rio de Janeiro, n. 157, 24 Set. 1972, p. 10. Disponível em: < <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital> >

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** Editora Contexto, 2010.

DIVERTIMENTE. Direção: Pete Docter. Produção: Jonas Rivera. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2015. 1 DVD.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6. ed. São Paulo, 2024.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura**. São Paulo: Parábola, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Medo da eternidade**. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 289-91, 1984.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Cântico IV**. In: Antologia Poética. Rio de Janeiro: Record. 1963

MORAES, Vinícius de. **Antologia Poética**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1967.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michéle. **Leituras**: do espaço íntimo ao público. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora, v. 34, 2013.

QUINTANA, Mario. **Seiscentos e Sessenta e Seis**. In: Nova Antologia Poética. 9. ed. São Paulo: Globo, 2003.

ROUXEL, Annie; REZENDE, Neide Luzia de; LANGLADE, Gérard. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.